

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

Litoral de
ITACARÉ - SERRA GRANDE

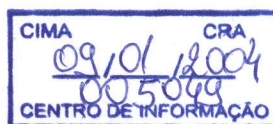
PLANO DE MANEJO



VOLUME I

DIAGNÓSTICO AMBIENTAL

1996



EQUIPE TÉCNICA

- Maria da Conceição
- Coordenadora
- Pedro Barreto
- Coordenador
- José Mauro Uena
- Amélia dos Santos
- Margarette Martins
- Vanuza Gomes
- Vanilde Maria
- Edson de Deus
- Sandra Lages
- Joaquim B. de Jesus

Matança

Cipó caboclo tá subindo na virola
chegou a hora do pinheiro balançar
sentir o cheiro do mato da imburana
descansar morrer de sono na sombra da barriguda
de nada vale tanto esforço do meu canto
pra nosso espanto tanta mata haja vão matar
tal mata Atlântica e a próxima Amazônica
arvoredos seculares impossível replantar
que triste sina teve cedro nosso primo
desde menino que eu nem gosto de falar
depois de tanto sofrimento seu destino
virou tamborete mesa cadeira balcão de bar
quem por acaso ouviu falar da sucupira
parece até mentira que o jacarandá
antes de virar poltrona porta armário
morar no dicionário vida-eterna milenar

Quem hoje é vivo corre perigo
e os inimigos do verde da sombra
o ar que se respira
e a clorofila das matas virgens
destruídas bom lembrar
que quando chegar a hora
é certo que não demora
não chama Nossa Senhora
só quem pode nos salvar

É caviúna, cerejeira, baraúna
imbuia, pau-d'arco, solva
juazeiro, jatobá
gonçalo-alves, paraíba, itaúba
louro, ipê, paracaúba
peroba, massaranduba
carvalho, mogno, canela, imbuzeiro
catuaba, janaúba, arueira, araribá
pau-ferro, angico, amargoso, gameleira
andiroba, copaíba, pau-brasil, jequitibá.
(Jatobá)

SUMÁRIO

EQUIPE TÉCNICA

- Maria Bernadete Sande Vieira - Eng. Civil e Sanitarista
- Coordenação Geral
- Pedro Barbosa da Rocha Sobrinho - Eng. Agrônomo
- Coordenação Técnica
- José Martim Ucha - Pedólogo
- Amélia dos Santos Cerqueira- Bióloga
- Margareth Peixoto Maia - Bióloga
- Vanuza Gazar dos Reis- Bióloga
- Vanilde Maria Pinto Ribeiro - Geóloga
- Edson de Deus - Economista
- Sandra Lawinsky de Moraes - Pesquisa de campo
- Joaquim Blanes Jordá - Pesquisa de campo

AGRADECIMENTOS

- Almicar Baiardi - Agrônomo
- CEPLAC - Ilhéus/Itabuna
- CRA - Ilhéus
- EMBARA Taxi Aéreo - Salvador
- EMBASA - Itabuna
- Ernani Pet Filho - Empresário
- IBAMA - Ilhéus
- Instituto de Estudos Socio-Ambientais - IESB - Ilhéus
- Keith Alger - Economista
- Pousada Mar e Dendê - Itacaré

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	1
2. METODOLOGIA.....	2
3. MEIO BIÓTICO.....	5
3.1 DESCRIÇÃO DA FLORA.....	5
3.1.1 OS ECOSISTEMAS.....	5
3.1.2 ANÁLISE DA ESTRUTURA DA FLORA.....	18
3.1.3 LEVANTAMENTO FLORÍSTICO.....	26
3.2 DESCRIÇÃO DA FAUNA.....	32
3.2.1 ASPECTOS GERAIS.....	32
3.2.2 LEVANTAMENTO FAUNÍSTICO.....	44
4. MEIO FÍSICO.....	54
4.1 GEOLOGIA.....	54
4.1.1 ASPECTOS DA GEOLOGIA REGIONAL.....	54
4.1.2 GEOLOGIA LOCAL.....	57
4.1.3 ASPECTOS ESTRUTURAIS.....	59
4.1.4 ASPECTOS ECONÔMICOS.....	59
4.2 GEOMORFOLOGIA.....	59
4.2.1 ASPECTOS REGIONAIS.....	60
4.2.2 GEOMORFOLOGIA LOCAL.....	61
4.3 PEDOLOGIA.....	66
4.4 ASPECTOS CLIMÁTICOS.....	69
4.4.1 CARACTERÍSTICAS CLIMATOLÓGICAS.....	69
4.4.2 TIPOLOGIA CLIMÁTICA.....	70
4.4.3 CLASSIFICAÇÃO CLIMÁTICA REGIONAL.....	70
4.5 RECURSOS HÍDRICOS.....	73
4.5.1 RECURSOS HÍDRICOS.....	73
5. MEIO ANTRÓPICO.....	77
5.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	77
5.2 ASPECTOS HISTÓRICOS.....	77
5.3 A APA E A REGIÃO CACAUEIRA.....	80
5.3.1 ASPECTOS GERAIS.....	80
5.3.2 CICLOS ECONÔMICOS.....	81
5.3.3 NATUREZA DA CRISE.....	86
5.3.4 A CRISE DO MODELO CEPLAC.....	93
5.4 A UNIDADE DE CONSERVAÇÃO.....	94
5.4.1 LOCALIZAÇÃO E LIMITES.....	95
5.4.2 POVOADOS E LOCALIDADES.....	96
5.4.3 PAISAGENS DE DESTAQUE.....	97
5.4.4 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO.....	100
5.4.5 ATIVIDADES ECONÔMICAS.....	108
5.4.6 ASPECTOS CULTURAIS.....	113

5.4.7 INDICADORES SOCIAIS.....	114
5.5 ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA	123
5.5.1 O MUNICÍPIO DE ILHÉUS.....	124
5.5.2 O MUNICÍPIO DE ITABUNA.....	127
5.5.3 O MUNICÍPIO DE UBAITABA	129
6. ANEXO FOTOGRÁFICO.....	132
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133

1. APRESENTAÇÃO

A V&S Engenheiros Consultores elaborou, em conjunto com uma equipe de consultores, além do apoio e colaboração de diversas pessoas, instituições e entidades, o Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental do Litoral de Itacaré e Serra Grande, conforme, Termo de Referência apresentado pela contratante, a Empresa de Turismo da Bahia - BAHIATURSA, e sob a Coordenação da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia.

Este documento consiste no Volume I, que engloba essencialmente o Diagnóstico Ambiental da APA, sendo acompanhado pelo Volume II, que trata do Zoneamento Ambiental e Métodos de Gestão e Controle, contendo todo o material cartográfico.

Para um melhor

compõe o grupo

autores exper

comunidade

se uma tal

lista da Ba

sua conclusão

obtido-se

ETAPA II -

Busc

com

total

po

- Quest

- Quest

- Entrev

Para atualiz

nomotor de

cala

ETAPA III -

Esta fase de

abordagem

descri

2. METODOLOGIA

Para elaboração do presente documento, formou-se uma equipe de técnicos sob uma Coordenação Geral e Administrativa, além de uma Coordenação Técnica e Coordenações Temáticas.

O trabalho foi desenvolvido em etapas distintas porém interligadas entre si, através dos fatores técnicos que as formaram. De forma global, as etapas do trabalho distribuiu-se da seguinte maneira:

ETAPA I: Reuniões para formação da equipe

Para um trabalho desta natureza, a equipe técnica é formada tanto por técnicos que compõe o quadro permanente da V&S Engenheiros Consultores S/C, quanto de consultores especializados. Para facilitar o bom entrosamento tanto da equipe, como da comunidade científica e membros da sociedade civil interessada no assunto, realizou-se uma reunião aberta com técnicos de diversas áreas, na sede do Grupo Ambientalista da Bahia - GAMBÁ, onde discutiu-se a metodologia do trabalho e as etapas de sua conclusão. Além desta reunião aberta, realizou-se outras reuniões específicas, obtendo-se resultados positivos.

ETAPA II - Levantamento de Dados

Buscou-se o maior número de informações possíveis nesta etapa, tendo sido iniciada com um amplo levantamento de material já publicado, além da pesquisa de material fotográfico e imagens de satélite, em escalas diversas. Realizou-se pesquisa de campo com dados primários, adotando os seguintes critérios:

- Questionário com a comunidade de forma geral.
- Questionário com lideranças locais.
- Entrevistas seletivas e direcionadas.

Para atualização do material fotográfico existente, realizou-se um voo com avião monomotor de asa alta, para obtenção de cerca de 100 fotos panorâmicas e fora de escala.

ETAPA III - Elaboração do Diagnóstico Ambiental

Esta fase do trabalho é inteiramente dependente da etapa anterior, tendo havido abordagens distintas para elaboração dos Meios Biótico, Físico e Antrópico, conforme descritos a seguir:

Meio Biótico

O levantamento das espécies vegetais e a situação dos respectivos ecossistemas foram obtidos através de fontes secundárias e primárias. As informações secundárias foram extraídas de Estudos de Impacto Ambiental-EIA e Relatórios de Impacto Ambiental - RIMA, monografias, publicações científicas, literatura especializada, análise de mapas e fotos aéreas verticais na escala de 1:25.000 e 1:60.000, e interpretação de imagens de satélite na escala 1:100.000 registradas em 1991, além de um vôo panorâmico efetuado em setembro de 1996.

As informações de cunho primário foram adquiridas através de visita a campo para reconhecimento da área, entrevistas com nativos, mateiros e caçadores para confirmação de dados secundários, uso de binóculo Luxon 7 x 50 para observação da avifauna, além de contato com pessoas atuantes no movimento ecológico da região.

Os dados primários e secundários sofreram uma análise sob o aspecto da dinâmica do ambiente natural, da ação antrópica e da importância e validade dos estudos que favoreçam a melhoria, proteção e conservação do ambiente.

Meio Físico

A caracterização da geologia foi extraída de documentos e mapas existentes, bem como de levantamentos de campo para comprovação das formações previamente selecionadas em escritório. A compartimentação geomorfológica foi desenvolvida inicialmente sobre as fotos aéreas e mapeadas após o levantamento de campo, onde as paisagens foram confrontadas com os *over lays* e definidas suas formas finais.

A classificação dos solos foi precedida por um levantamento junto a CEPLAC, que possui um amplo diagnóstico dos solos que ocorrem em toda a área cacauieira. Os mapas foram redesenhados e as principais classes de solos foram descritas em perfis existentes ao longo dos caminhos. A classificação dos solos foi refeita segundo as normas preconizadas pela EMBRAPA e pela Sociedade Brasileira de Ciência do Solo.

Meio Antrópico

Para o conhecimento da ação antrópica e suas consequências futuras para a área em estudo, buscou-se um amplo entendimento dos fatores econômicos que envolvem a atual crise na economia da região, as suas consequências e interferências na política local e a expectativa que a comunidade de forma geral tem para a área. Para confirmação do entendimento adquirido pela equipe, realizou-se questionário com a comunidade de forma geral, com lideranças locais e entrevistas seletivas e direcionadas.

ETAPA IV - Zoneamento Econômico Ecológico

Tendo em vista as características do meio natural, associadas intrinsecamente com a expectativa que o Poder Público e a Sociedade tem para a área estudada, montou-se o esboço de um Projeto de Desenvolvimento, devidamente discutido e aprovado pelas partes interessadas, que compõe o Mapa de Zoneamento Econômico Ecológico em escala de 1:25.000 para toda a área estudada e 1:5.000 para a cidade de Itacaré e seu entorno.

ETAPA V - Estratégia de Gestão e Manejo

Pretende-se nesta etapa, estabelecer um elenco de normas e diretrizes que possam ser assimiladas e cumpridas pelos diversos setores ativos no âmbito institucional e da sociedade civil, para ser viabilizada.

3. MEIO BIÓTICO

3.1 Descrição da Flora

3.1.1 OS ECOSISTEMAS

Os ecossistemas, como nós os conhecemos atualmente, são produtos de uma história evolutiva única e cuja estabilidade está garantida pelo equilíbrio entre seus diversos componentes. As alterações naturais que vêm sofrendo são sempre muito lentas, uma vez que mudanças bruscas em qualquer elo de seus sistemas podem conduzi-los ao colapso total (NEIMAN, 1989).

A área em questão possui como principais unidades fisiográficas, uma extensa faixa litorânea debruçada sobre o Atlântico composta por planícies costeiras, cordões arenosos formando a restinga; as áreas estuarinas e zonas de relevo tabuliforme com a vegetação de Floresta Ombrófila Densa em diferentes estágios de regeneração.

A Floresta Ombrófila Densa representa uma formação vegetal de folhagem sempre verde, sem resistência à seca, componente principal da Mata Atlântica, estando intimamente relacionada à restinga e aos mangues, denominados — Ecossistemas Associados de Mata Atlântica.

A classificação da fitofisionomia da área da APA de Itacaré, obedeceu o Decreto nº 750 de 10 de Fevereiro de 1993 e às Resoluções nº 10 e 05 do CONAMA — Conselho Nacional do Meio Ambiente de 1º de outubro de 1993 e 4 de maio de 1994 respectivamente, que tratam sobre os diferentes estágios sucessionais da Mata Atlântica e seus ecossistemas associados, tendo como base o Projeto RADAMBRASIL. Segundo a Resolução nº 05 do CONAMA, a vegetação de Mata Atlântica, pode ser dividida em primária ou secundária, podendo apresentar-se em diferentes estágios de desenvolvimento, os quais, estão diretamente relacionadas com o grau de intervenção antrópica.

A vegetação primária é aquela de máxima expressão local, com grande diversidade biológica, sendo os efeitos das ações antrópicas mínimos, a ponto de não afetar significativamente suas características originais de estrutura e de espécies. Por outro lado, a vegetação secundária ou em regeneração é aquela resultante dos processos naturais de sucessão, após supressão total ou parcial da vegetação primária, por ações antrópicas ou causas naturais, podendo ocorrer árvores remanescentes da vegetação primária. JAAKKO PÖYRY, 1994.

Tais Resoluções promoveram alterações nas nomenclaturas dos ambientes que sofreram ação antrópica. Assim, uma vegetação secundária, que antes era denominada de capoeira, de uma forma genérica, passou a ser classificada em três estágios de regeneração: inicial, médio e avançado.

3.1.1.1 Floresta Ombrófila Densa

• Caracterização do Ambiente

A complexidade de um ecossistema natural está fundamentada em uma dinâmica rede de relações locais ou longínquas. O produto dessa intrínseca relação é o que dá conformação a esses ambientes ainda muito pouco conhecidos em sua totalidade de estrutura e função.

Considera-se que a fragilidade de um ecossistema está diretamente relacionada a sua diversidade, uma vez que esta permite um maior número de pontos possíveis de desequilíbrios. Segundo NEIMAN, 1989, as florestas tropicais, consideradas como um dos ecossistemas mais complexos, são as que mais têm sofrido com a ação predatória do homem.

A Floresta Ombrófila Densa é constituída por fanerófitas ombrófilas sem resistência à seca, geralmente apresentando as gemas foliares desprotegidas e com folhagem sempre verde. Apresenta uma estratificação bem definida, com dossel emergente, estratos arbóreos, arbustivos e herbáceos e, de uma forma geral há uma grande variedade de espécies.

A formação de Mata Atlântica, de acordo com suas principais características recebe diferentes denominações, entre essas, destacam-se Dríades (MARTIUS, 1851), Floresta Pluvial (SCHIMPER, 1903), Floresta Estacional Perenifólia Costeira (ANDRADE-LIMA, 1966), Floresta Litorânea (FOURY, 1968), Mata Pluvial Costeira (HUECK, 1974), Floresta Ombrófila Densa (MUELLER-DOMBOIS & ELLEMBERG, 1974), Floresta Perenifólia Latifoliada Higrófila Costeira (KUHLMANN, 1977), Floresta Atlântica (RIZZINI, 1979), e Floresta Pluvial Tropical Atlântica (JOLY *et alii*, s.d.). Estas áreas foram denominadas por VELOSO (1965) como "Floresta Pluvial Tropical Perenifólia Sul-Baiana". JAAKKO PÖYRY, 1994.

A Floresta Ombrófila Densa, componente da Mata Atlântica, na região da costa de Itacaré, ainda conserva apesar das interferências humanas, agrupamentos pouco alterados dessa vegetação.

- **Vegetação Primária**

A vegetação primária é aquela de máxima expressão local, com grande diversidade biológica, sendo os efeitos das ações antrópicas mínimos, a ponto de não afetar significativamente suas características originais de estrutura e de espécies. Cerca de 95% da totalidade dessa mata, foi totalmente dizimada pela ação humana, restando alguns trechos remanescentes, que ainda se encontram protegidos dos madeiros por ocuparem áreas de topografia acidentada. Não há na área da APA trechos intocados de Mata Atlântica, mas sim trechos de vegetação secundária em estágio avançado de regeneração. Em verdade, conforme citado no EIA/RIMA — JAAKKO TÖYRY, 1994, a expressão mata primária deve ser sempre empregada com cautela, vez que os processos de colonização de civilizações indígenas e outras intervenções antrópicas podem ter usado estas formações, e as mesmas presentemente podem estar em estágio de evolução sendo portanto matas secundárias.

- **Vegetação Secundária**

Tendo em vista que um ambiente natural, simultaneamente, exerce e sofre ação dos condicionantes naturais, um determinado ambiente nunca será o mesmo na escala do tempo. Nesse sentido, a designação “vegetação secundária” é a mais apropriada, já que no decorrer dos anos, independentemente da ação antrópica, os componentes vegetais de uma floresta, por exemplo, devido a sua longevidade, vão dando espaço a uma nova geração de indivíduos de um mesmo ambiente, através de germinação ou regeneração.

A vegetação secundária, em sua grande maioria resulta da intervenção humana numa área originalmente de vegetação primária que sofreu alteração em sua fitofisionomia, favorecendo o aparecimento de espécies cosmopolitas ou regionais denominadas ruderais ou antropófilas, ao tempo em que conserva remanescentes da composição florística original, reconstituindo-se natural e gradativamente até o estágio de uma nova interferência antrópica.

O estágio avançado de regeneração apresenta fisionomia arbórea dominante sobre os demais estratos, formando um dossel fechado, relativamente uniforme no porte, podendo apresentar árvores emergentes, com diferentes graus de intensidade e copas horizontalmente amplas. A altura média das árvores nas florestas ombrófila densa é superior a 12 m e as epífitas se encontram em grande número de espécies e abundância, além da presença de trepadeiras lenhosas. Existem três estratos bem definidos (herbáceo, arbustivo e arbóreo) e um sub-bosque normalmente menos expressivo do que no estágio médio. Esse estágio de regeneração apresenta composição florística semelhante à mata primária.

Na região da APA de Itacaré, as áreas que apresentam o estágio avançado de regeneração, ocupam justamente os locais de relevo acidentado de difícil acesso ou em áreas particulares pertencentes a grandes fazendeiros. Os referidos trechos estendem-se de forma quase contínua em pequenos bolsões por toda a costa de Itacaré no sentido norte/sul, guardando sempre uma distância de aproximadamente 5 km em relação ao litoral.

O domínio dessa vegetação, apesar de exibir um porte alto, de expressivo valor econômico, demonstra os efeitos de longos períodos de interferência, onde há uma nítida redução das espécies mais nobres. A exploração madeireira continua ocorrendo e em grande escala nas áreas particulares, sob o controle do poder público através de Planos de Manejo Florestal.

Dentre os exemplares típicos desse domínio vegetal destacam-se como árvores de dosséis emergentes, as Sapotáceas como as maçarandubas (*Manilkara* spp.); as Leguminosas como os jatobás (*Hymenaea* sp.), a sucupira (*Bowdichia virgilioides*), a joerana (*Parkia* sp.); as Lecitidáceas como a inhaíba (*Holopixidium* sp. e *Lecythis* sp.), a biriba (*Eschweilera speciosa*); e as Bombacáceas como o embiruçu (*Bombax macrophyllum*) (COBRAPE, 1994.).

Tais espécies juntamente com outras, tais como a bomba d'água (*Hidrogaster trinerve*), bacumixá (*Syderoxylon vastum*), samuma (*Sterculia chicha*), biquiba (*Virola gardneri*), pau d'óleo (*Copaifera* spp.), pau d'arco (*Tabebuia* spp.), pau roxo (*Peltogyne discolor*), amargoso (*Andira vermifuga*), pequi preto (*Caryocar edule*) e louro (*Ocotea* sp. e *Nectandra* sp.) também são intensamente utilizadas na indústria madeireira.

Estudos recentemente realizados no ramo da fitosociologia e aspectos da flora em Serra Grande, distrito de Uruçuca, numa área de 1,0 ha pertencente a uma propriedade particular com 154 ha de floresta em estágio avançado de regeneração, demonstraram existir 1174 indivíduos por hectare, correspondente a 53 famílias e cerca de 270 morfoespécies. A família de ocorrência mais comum foi Myrtaceae seguida por Sapotaceae. Estes resultados representam o mais alto grau de biodiversidade em plantas lenhosas conhecidas. (CARVALHO, A.M., 1993)

Em trechos adjacentes à localidade citada anteriormente foi encontrada uma significativa ocorrência de espécies novas das famílias Annonaceae, Cryobalanaceae, Lecythidaceae, Leguminosaceae, Myrtaceae e Rutaceae, assim como a de espécies raras como a *Voyria obconica* Progel e *Trichipteria praecinta* (Kuntze) Tryon que atestam a riqueza da vegetação e suas peculiares características florísticas. Muitas são as espécies endêmicas restritas como *Harleyodendron unifoliatum* Cowan, *Arapatiella psilophylla* Cowan e *Hornschuchia obliqua* P. Maas & van Setten. Algumas espécies são consideradas como indicadoras de mata primária como *Nematanthus corticola* Schrader e *Schizaea fluminensis* Miers ex. Sturm. (CARVALHO, A.M., 1993). A desco-

berta de espécies novas, tais como: *Zollernia magnífica* A.M. de Carvalho & Barneby e *Zollernia modesta* A.M. de Carvalho & Barneby representantes da família Fabaceae, está sendo muito frequente nessas áreas.

O estágio médio de regeneração é o estágio sucessional onde a vegetação arbórea e/ou arbustiva predomina sobre o estrato herbáceo, podendo constituir estratos de diferentes alturas. A cobertura vegetal arbórea varia de aberta a fechada, com ocorrência eventual de indivíduos emergentes. O DAP médio nesse estágio pode chegar a 18 cm para as espécies arbóreas. As epífitas aparecem com maior número de indivíduos que no estágio inicial de regeneração e as trepadeiras, quando presentes são lenhosas.

A vegetação secundária em estágio médio de regeneração pode ser confundida com os estágios que a limitam, por apresentar características intermediárias entre um e outro. Nos limites da APA, compreende trechos descontínuos fazendo-se presente em regiões próximas a ocupações urbanas e áreas de natureza agrícola (pequenos plantios e diminutos reflorestamentos). Integrando essa paisagem tem-se entre outras espécies, as seguintes: acá (*Lucuma* sp., *Eclinusa* sp. e *Chrysophyllum* sp.), angelim (*Andira* sp.), bacumuxá (*Syderoxylon vastum*), cajá (*Spondias lutea*), catolé (*Attalea burretiana*), janaúba (*Himatanthus* sp.), matatauba (*Didymopanax morototoni*) e embaúba (*Cecropia* sp.). Em sua maioria são vegetais que apresentam importância alimentícia, artesanal, medicinal entre outros usos, talvez ainda desconhecidos pela população.

O estágio inicial de regeneração é o estágio sucessional caracterizado pelo domínio do estrato herbáceo-arbustivo de porte baixo, com altura inferior a 5 m para as florestas ombrófila densa e altura média inferior a 3 m para as demais formações florestais com cobertura vegetal variando de fechada a aberta. As espécies lenhosas apresentam um DAP inferior a 8 cm e as epífitas são representadas principalmente por líquens, briófitas e pteridófitas, com baixa diversidade.

Essa vegetação se faz presente em locais que sofreram uma devastação intensa deixando o solo desprotegido, sofrendo ação das intempéries. A alteração química do solo causada pela prática da agricultura empírica e o uso abusivo do fogo, provocam alterações na composição do solo, concorrendo para o estabelecimento de espécies adaptáveis a ambientes com pH baixo e tolerantes ao alumínio, que em geral é tóxico aos vegetais. Dentre elas destacam-se a *Imperata brasiliensis* (sapé) e *Pteridium aquilinum* (feto ou samambaia), além de várias espécies das famílias Melastomataceae, Rubiaceae, Cyperaceae e de palmeiras que podem formar, às vezes, comunidades gregárias (*Attalea* sp.) (RADAMBRASIL, 1981).

Esse tipo de vegetação permeia de forma irregular toda área da APA, ou seja, as áreas de pastagens, vegetação secundária em estágio médio e avançado de regeneração, bem como as áreas de ocupação urbana. As espécies que ocorrem nessas áreas

são chamadas pioneiras. Segundo o EPIA — COBRAPE, 1994, há uma predominância nessas áreas de piperáceas, rubiáceas e numerosas musáceas e marantáceas, sendo raras as gramíneas.

Tanto no estágio médio como no inicial de regeneração, a piaçava (*Attalea funifera*), palmeira cujas fibras têm importância econômica, ocorre com frequência e é muito utilizada, sendo essa atividade de caráter puramente extrativista.

3.1.1.2 Planície

• Caracterização do Ambiente

Corresponde às áreas onde a composição florística ocorre ao longo da costa sobre terrenos aluviais onde as Areias Quartzosas e o Podzol Hidromórfico, resultantes da transgressões marinhas do quaternário, são os tipos de solos dominantes, formando as praias, as dunas e os cordões litorâneos. A vegetação dessas áreas é constituída de halófitos-psamófitos endêmicos e de outras espécies adaptadas a essas condições ecológicas formando povoamentos descontínuos arbóreos, arbustivos e herbáceos que se alternam em dominância dentro desse mesmo ambiente (RADAMBRASIL, 1981).

• Restinga

A restinga compreende uma vegetação arbustivo-arbórea característica da costa meridional e norte do Brasil. No sentido fitogeográfico, botânico e ecológico designa-se como restinga, todas as formações vegetais que ocorrem sobre as planícies quaternárias litorâneas, incluindo ou não, as situações encontradas nas zonas de praia, ante-duna e dunas frontais (GOLDLAND, 1975). Representa uma formação edáfica designada na sua forma arbórea de Floresta Estacional Latifoliada Subcaducifólia Tropical Esclerófila Litorânea, apresentando também as fisionomias arbustiva e herbácea. As diferentes espécies que compõe esse ambiente vão se sucedendo à medida que se caminha do mar para o interior.

O ecossistema de restinga encontra-se constantemente sob influência marinha, recobrindo solos extremamente arenosos, com baixa retenção de água, carência de macro e micronutrientes e acentuado teor de cloreto de sódio no substrato, trazidos pelos aerossóis marinhos, tendo sua cobertura vegetal que desenvolver mecanismos de obtenção de água e nutrientes retirados da maresia presente na atmosfera. As raízes das espécies existentes nesse ecossistema são praticamente desprovidas de pelos absorventes, sendo a absorção dos sais minerais feita por um sistema de micorrizas. Sua cobertura vegetal também sofre influência de forte insolação e ação dos ventos.

A comunidade vegetal da restinga exhibe um aspecto verdejante com folhas coriáceas, árvores de pequeno DAP e altura, geralmente esparsas e de fustes tortuosos com a

presença de epífitas e algumas trepadeiras. Árvores emergentes são raras e o substrato constitui camada densa e mais ou menos homogênea.

Nos domínios da APA destaca-se a formação arbórea havendo uma alternância com as formas arbustivas e herbáceas. Segundo o EPIA — COBRAPE, 1994, nos solos característicos arenosos dessas áreas, não raro ocorre a formação de "hard-par" no horizonte B, muitas vezes gerando camadas compactas e impermeáveis, o que pode explicar a descontinuidade das formações arbóreas pelo impedimento da penetração das raízes, deixando claro sua característica de formação edáfica.

O trecho de restinga pode ser delimitado em dois blocos: aquele constituído por vegetação arbustivo-arbóreo, guardando proximidade com a vegetação ombrófila densa; e outro, bem próximo à linha de praia onde a presença dos coqueiros (*Cocos nucifera*) é marcante. O substrato dessas áreas é constituído por areias quartzosas nas quais vegetam um estrato herbáceo rasteiro não uniforme, que agem como fixadoras do substrato impedindo a ação eólica.

Com relação à flora dessa região, destacam-se algumas Mirtáceas, como as murtas (*Myrtus* sp. e *Myciaria* sp.) e os araçás (*Psidium* sp.); Lauráceas como os louros (*Nectandra* sp.); Anacardiáceas como pau-pombo (*Tapirira guianensis*), o cajueiro (*Anacardium occidentale*); Stiracáceas como o pau de remo (*Styrax leprosum*); Nictagináceas como a farinha seca (*Neea* sp.); Sapotáceas como a bapeba (*Pouteria guianensis*); Palmáceas como o côco da bahia (*Cocos nucifera*), o dendê (*Elaeis guianensis*) e a piaçava (*Attalea funifera*), além de representantes de porte arbustivo e herbáceo.

A restinga, por ocupar áreas litorâneas, vem sofrendo constante ameaça pelo processo de desenvolvimento urbano, principalmente no trecho da linha de praia que são áreas preferenciais, devido às belezas cênicas de suas praias. Os diferentes empreendimentos imobiliários, bem como, o estabelecimento de residências com o mínimo de condições de higiene, vêm, ambos, assumindo dimensões crescentes nessas áreas e apresentando grandes chances de evolução nesse sentido, sem um adequado planejamento ambiental.

3.1.1.3 Planícies Inundáveis/Alagáveis

• Caracterização do Ambiente

As planícies inundáveis/alagáveis abrangem áreas de ecossistemas de água doce e ecossistemas marinhos. Ocupam áreas deprimidas, periodicamente alagadas, com solos saturados de água, alguns sofrendo influência das marés. Apresentam comunidades vegetais adaptadas e especializadas à condição de alagamentos.

Determinados ambientes alagados são considerados insalubres por apresentar características peculiares, sendo freqüentemente alvo de agressões, por parte do homem, que o destrói ou modifica sua estrutura e dinâmica, causando uma série de distúrbios

APA ITACARÉ / SERRA GRANDE

à comunidade biótica. Já outros, têm sua importância reconhecida principalmente no que compete ao sistema hidroviário.

- **Manguezal**

Constitui formação vegetal do tipo edáfico, uma vez que sua ocorrência está condicionada a um determinado tipo de solo, sendo exclusiva de ambientes salobros, ocorrendo ao longo dos rios e que sofrem constante influência das marés. TANSLEY & CHIPP (1926) baseados em critérios estruturais e ambientais incluíram o manguezal na formação florestal densa. Burt-Davy (1938) também o considera como formação florestal — Floresta Aberta dos Mangues — e RIZZINI (1963), como Floresta Paludosa Marítima. Posteriormente ELLENBERG & MULLER-DOMBOIS (1965/6) propuseram à UNESCO um novo sistema de classificação fisionômico-ecológico em que o mangue é classificado como Floresta Densa Sempre Verde Ombrófila. Esse ecossistema recebe também a denominação de Floresta Perenifólia Latifoliada Paludosa Marítima, segundo ANDRADE LIMA (1966) (RADAMBRASIL, 1981).

Esse importante ecossistema ocorre ao longo da costa nas desembocaduras dos rios e dos córregos e são consequência do fluxo das marés que em seu constante movimento arrastam diversas partículas em suspensão que floculam na água salgada e se depositam por gravidade, por ocasião da maré cheias, formando um substrato aluvial fluviomarinho, composto por solos indiscriminados ricos em detritos orgânicos. (RADAMBRASIL, 1981). Essas regiões apresentam também insuficiência de oxigênio e solos argilosos, movediços, pouco compactos, os quais dificultam a fixação dos vegetais.

As espécies vegetais do manguezal apresentam um aspecto bastante homogêneo tanto do ponto de vista fisionômico quanto da sua composição florística, tendo um restrito número de espécies que formam associações muito densas. Estruturalmente, pode-se apresentar de forma arbustiva ou arbórea, com árvores que chegam até 15 m de altura. Possuem adaptações que permitem a sua sobrevivência nesses ambientes incluindo viviparidade, raízes escoras e raízes aéreas especiais (pneumatóforos) que se projetam para cima da superfície da água, além de outras adaptações fisiológicas. Dentre as espécies típicas do mangue a *Rhizophora mangle* ocupa as áreas com maior grau de salinidade, portanto mais próxima da região costeira, enquanto que a *Avicennia nitida* e a *Laguncularia racemosa* distribuem-se em substratos mais estáveis.

Segundo DAY *et al.*, 1989 in JAAKKO PÖYRY, 1994, as espécies de mangue embora vivam, preferencialmente, em regiões salobras e com variações de salinidade, as mesmas podem sobreviver, em situações atípicas, por algum tempo, em água doce e até em ambientes sem nenhuma inundação.

Os ambientes estuarinos são de grande importância biológica por se constituírem nos principais fornecedores de nutrientes para a comunidade marinha costeira, favorecendo uma intensa atividade pesqueira na área da plataforma continental. Segundo NEIMAN, 1989 muitas espécies de animais marinhos deslocam-se para os manguezais na

época reprodutiva, colocando ovos que, ao eclodirem, produzem larvas e filhotes que passam aí toda sua fase juvenil. Por causa dessa característica os manguezais são comumente chamados de "berçários do Atlântico".

Devido ao fato de serem ambientes peculiares, de aparência incomum, o manguezal é visto de forma preconceituosa e freqüentemente são associados a ambientes pútridos, insalúbres, improdutivos e nocivos à saúde. Por essa errônea concepção, os manguezais vêm sofrendo contínua agressão de vários setores que visam modificar a sua fisionomia, numa tentativa de os igualar aos demais ambientes, por meio de drenagens e aterros para posterior ocupação, além de sofrerem exploração madeireira, pesqueira e especulação imobiliária, é também alvo de despejo de efluentes industriais. Apesar de todas as interferências humanas esse ambientes são considerados símbolo de resistência pela sua condição ímpar de elevada recirculação biológica.

Nos limites da APA de Itacaré existe uma quantidade representativa de estuários provenientes de afluentes do rio de Contas, bem como da sua foz principal, locais esses de instalação da flora endêmica.

Tal como a restinga, os manguezais passaram e ainda vem passando, por um intenso processo de exploração econômica, assim como de subsistência, estando o seu contingente florístico reduzido e constantemente ameaçado pelas atividades antrópicas que apesar de não os aniquilar, posto que são ambientes bastantes resistentes, os descaracterizam sobremaneira.

Apesar de serem ambientes protegidos por lei, a ocupação urbana nas áreas limítrofes dos manguezais tem provocado a redução desse bioma, através do desmatamento, da exploração imobiliária, da poluição, e falta de saneamento básico, fatores que indicam uma infra-estrutura precária nessas localidades.

3.1.1.4 Áreas Antropizadas

• Caracterização do Ambiente

Determinar um diagnóstico preciso de áreas já antropizadas, perfazendo uma comparação da evolução desse ambiente é praticamente impossível dado a insuficiência de parâmetros históricos locais.

São muitas as áreas dentro dos limites da APA onde se faz presente a ação humana, sendo a falta de estrutura administrativa adequada ao manejo do patrimônio natural que a localidade reclama, um dos fatores que mais contribuem para o grau de antropização em que a área atualmente se encontra. Tais alterações vêm se acumulando ao longo do tempo na medida em que se altera e se expande a malha urbana. A exploração de espécies de valor econômico, madeireiro ou não, a substituição para o cultivo

de cacau ou pastagens, às custas do desmatamento nas cabeceiras dos rios, são exemplos dessas interferências.

A substituição do ecossistema natural por outros de natureza agrícola é evidenciada através de sucessivas áreas descontínuas de formação florestal permeadas por atividades tais como: pequenos plantios, diminutos reflorestamentos e pastagens, modificando intensamente a fisionomia natural do ambiente.

Como elementos integrantes das áreas antropizadas têm-se: Áreas Agrícolas, Reflorestamentos, Silvicultura, Pastagens e Áreas de Ocupação Urbana.

- **Áreas Agrícolas**

A Floresta Ombrófila Densa permitiu a instalação de culturas importantes como as do cacau, dendê, coco, piaçava, cana-de-açúcar e banana. A cacauicultura tornou-se a atividade mais importante da área, apesar de atualmente encontrar-se em crise. O dendezeiro, migrado da África, passou a subespontâneo e, devido a sua importância como oleífera, é muito cultivado na área. O coqueiro vegeta satisfatoriamente e dele existem extensas plantações ao longo da costa. A piaçabeira é endêmica desse ecossistema e prolifera sobremodo quando a floresta é raleada, sendo espécie que medra nos solos pobres (RADAMBRASIL, 1981). A cana-de-açúcar foi cultura pioneira, razão do desbravamento no século XVI, das primeiras áreas de mata virgem para o seu cultivo. Outras culturas de subsistência são cultivadas pequenas roças.

Dentre as grandes culturas perenes, destaca-se o cultivo do cacau (*Theobroma cacao*), denominado "cabruca", que, ao ser introduzido em áreas de Mata Atlântica da Bahia, provocou um elevado grau de alteração nestes ambientes por conta das exigências dessa cultura que são: solos profundos, pluviosidade alta e condição de sombreamento para seu desenvolvimento. Segundo ARGOLO, 1992 in JAAKKO TÖYRY, 1994, desenvolveram-se duas técnicas para o sombreamento dos cacauais. Uma delas consiste na manutenção do dossel superior com a retirada do sub-bosque, sendo essa estratégia o que se conhece como "cabruca" ou mesmo "mata de cabruca"; a outra, consiste na eliminação da floresta e a plantação consorciada do cacau com árvores que propiciem um bom sombreamento.

O cultivo de cacau começaram a ser instalados nessas áreas desde o século XVIII, e, encontrando condições favoráveis, ainda permanecem nessas áreas sendo responsável inclusive pela permanência de partes dos remanescentes da floresta ombrófila densa, já que esta propicia condições para o sombreamento dessa cultura.

Em função da crise cacaueira, atualmente não há um aumento na pressão de desmatamento para a exploração dessa cultura. Por outro lado, vem sendo precebido um aumento da cultura de subsistência, em consequência do desemprego da lavoura ca-

caueira, fato esse que possivelmente intensificará o grau de descaracterização da área.

• Pastagens

As áreas de pastagens compreendem as comunidades herbáceas rasteiras manejadas ou de substituição que ocupam trechos de antigas áreas recobertas pela vegetação arbórea da Floresta Ombrófila Densa. Nessas áreas há uma predominância de pastos artificiais com espécies introduzidas da África, as quais mostraram melhor adaptação e dominância. Tal predominância decorre do fato de que, segundo RADAMBRASIL, 1981, apesar da diversidade florística da macro área da qual a APA faz parte, a pobreza em gramíneas e forrageiras é flagrante.

Segundo o EPIA — COBRAPE, 1994, as comunidades manejadas correspondem aos pastos limpos - que são áreas transformadas para a atividade de pastoreio, sendo compostos por gramíneas; e as comunidades de substituição - os denominados pastos sujos, correspondem às áreas originalmente transformadas em pastagens, e, posteriormente, relegadas ao abandono, sendo compostas predominantemente por espécimes pioneiras invasoras de pastagens.

As áreas de pastagens presentes na APA se distribuem de maneira descontínua sendo permeadas por outras de natureza agrícola ou de Floresta Ombrófila Densa.

• Silvicultura

Na antiguidade, as árvores não careciam de cultivo porque a densidade das populações por muito que se consumissem produtos florestais permitia com grande folga a ação restauradora da natureza. A crença universal de que as florestas eram inesgotáveis aliada à morosidade da maturação de tais produtos, concorreu para o desinteresse do homem primitivo pela silvicultura. Somente em meados do século XVIII ocorreu uma mudança de atitude, iniciada na Europa Central, ante a escassez de madeira, em consequência das guerras do século XVII.

A silvicultura estuda os métodos naturais e artificiais de regenerar e melhorar os povoamentos florestais, investigando as árvores quanto ao ambiente, e determinando o seu comportamento em relação a diversas variáveis, como: luminosidade, densidade e associação com outras espécies, além de identificar, caracterizar e prescrever o uso das madeiras. Difere das atividades agrícolas pelo maior tempo necessário para atingir a maturidade do plantio e pela produção anual mais baixa por unidade de área.

Existem diferentes métodos de manejo sustentado de florestas. A sua escolha está na dependência das características das espécies utilizadas no reflorestamento, da finalidade específica da prática silvicultural, das condições ambientais do local (clima, ge-

omorfologia do relevo, proximidade a mananciais de água, exuberância da floresta, etc.).

A prática do manejo sustentável em florestas heterogêneas, como as nossas, se constitui tarefa difícil e meticulosa pois em uma pequena área há uma diversidade muito grande de espécies, o que implica na necessidade de se conhecer as peculiaridades de cada uma.

A atividade da silvicultura na APA de Itacaré é realizada através de planos de manejo aprovados pelo IBAMA, em áreas de vegetação em estágio avançado de regeneração pertencentes a propriedades particulares. A exploração madeireira na área é intensa, sendo em muitas áreas, de caráter puramente extrativo, fugindo assim à prática que a atividade silvicultural propõe.

Evidenciou-se durante a visita a campo um representativo número de serrarias, empreendimentos estes pertencentes geralmente aos proprietários das fazendas de onde foram retiradas as madeiras. Constatou-se também uma quantidade expressiva de caminhões transportando madeiras de considerável diâmetro. As madeiras extraídas na área têm utilidades diversas e são exportadas para diferentes localidades.

Não verificou-se na Apa de Itacaré / Serra Grande cultivos de florestas homogêneas, a exemplo do cultivo de Pinho e Eucalipto, apesar de observar-se muito material lenhoso destas espécies vegetais pronto para exportação no Porto de Ilhéus.

• Reflorestamento

O objetivo principal das atividades de reflorestamento feitas nos últimos anos foi o de suprir as necessidades básicas com produtos florestais, todos de valor comercial, sendo os replantios não motivados por interesses econômicos, bastante negligenciados até porque cada vez mais cresce o rol das necessidades básicas.

Dentro dos limites da APA, já próximo a sede do município de Itacaré, foram verificados reflorestamentos com a seringueira (*Hevea brasiliensis*), uma espécie nativa da Amazônia, utilizada para extração de látex e fabrico de borracha e o pinheiro (*Pinus* sp.), espécie exótica, utilizada para fins comerciais.

• Áreas de Ocupação Urbana

A Bahia foi o berço da colonização dos portugueses que ocuparam primordialmente a faixa litorânea devido a facilidade de transporte para exploração de madeira na região, iniciada em 1503 com o Pau-brasil, espécie endêmica da Mata Atlântica. Outras espécies madeireiras também foram exploradas para fins diversos, contribuindo signi-

ficativamente para alteração da paisagem original. Neste sentido, poder-se-ia considerar estas explorações como os primeiros delineamentos que resultaram no quadro atual de ataque aos recursos naturais, pois tais formas de exploração continuam acontecendo, guardando às devidas proporções. Desta forma, à medida que ocorre a escassez do contingente ambiental, cresce o número de produtos manufaturados e industrializados de grande valor econômico que utilizam matérias-primas de relevante valor ecológico. Tudo isso às custas do risco da não sustentabilidade desses recursos, ao tempo em que cresce as condições sub-humanas da população local.

A região da costa de Itacaré apresenta uma forte atuação antrópica com vários núcleos urbanos, loteamentos, sítios e chácaras de veraneio. Tais ocupações humanas vêm se processando desde a época em que foram incorporadas as significativas mudanças no sistema de exploração agrícola. Desse período até hoje, as modificações nos ecossistemas naturais vêm, senão causando danos imediatos, acumulando-se no tempo através de procedimentos incoerentes que se refletem na descaracterização crescente da paisagem, no comprometimento dos recursos hídricos, e no uso indevido do solo.

As maiores áreas de ocupação urbana ocorrem no povoado de Serra Grande município de Uruçuca e nas proximidades do município de Itacaré, apesar da ocupação urbana também ocorrer de forma dispersa por toda costa da APA. Nessas áreas são muitas as vegetações introduzidas, em sua maioria árvores frutíferas, ornamentais, além de culturas agrícolas de subsistência.

A ausência ou precariedade do sistema de saneamento básico, esgotamento sanitário, coleta regular de resíduos sólidos urbanos, são fatores que vêm contribuindo sobremaneira, para o nível de agressão visual e de funcionalidade do ambiente natural.

3.1.2 ANÁLISE DA ESTRUTURA DA FLORA

3.1.2.1 Flora Original x Ação Antrópica

A Mata Atlântica originalmente se estendia-se desde o Estado do Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, ocupando uma área total de 350.000 km², acompanhando as escarpas voltadas para o mar. No sül da Bahia, fundia-se com a hileia baiana ainda mais diversificada e exuberante, com espécies iguais ou similares às da Amazônia.

Atualmente somente 5% dos trechos remanescentes desse belo ecossistema permanece protegido pela topografia acidentada das cadeias de montanhas onde se desenvolveram, e em alguns Parques Nacionais e Reservas Biológicas, formando "Ilhas de Mata Atlântica", que mesmo protegidos por leis ainda sofrem agressão do homem.

A construção da BR-101, no início dos anos 70, permitiu o acesso à região e facilitou a devastação quase total da Mata Atlântica do sul da Bahia para a exploração madeireira. Segundo VINHA *et al.* (1976), a Mata Higrófila Sul-Baiana ocuparia originalmente uma área de 33.435 km² dentro do polígono compreendido entre as longitudes de 30° 30'W e as latitudes 13° 15' a 18° 18' S. Esses autores argumentam que somente 17,5% dessa área, ou seja, 5.852 km², existiriam na forma de remanescentes vegetais.

O processo de exploração seletiva da Mata Atlântica atingiu inicialmente as áreas onde era maior a potencialidade madeireira. Em 1503 iniciou-se um ciclo econômico no País com a extração do pau-brasil, de cuja madeira se retirava uma tinta vermelha utilizada como corante para tecido na Europa. Outros recursos madeireiros também foram explorados para fabricação de navios, carvão vegetal e construção de cidades, contribuindo ainda mais para sua devastação.

Ainda sob a égide exploratória, "o século XIX foi marcado pela visita à Bahia de muitos e preclaros estudiosos da Botânica, sob variados aspectos". (RADAMBRASIL, 1981). Em 1807, o interesse pelo Brasil foi aumentado pela vinda da família real, intensificando-se os estudos dos recursos naturais por muitos cientistas europeus. Em 1821, a missão científica russa chefiada por Gustavo de Langsdorff (Caminhoá, 1877), assessorado pelos botânicos L. Riedel e G.W. Freyreiss, visitou a Bahia e explorou os vales dos rios Una, Itaípe e outros, no sul do Estado, estudando e coletando "nas florestas seculares daquela ubérrima região" (RADAMBRASIL, 1981). Outros pesquisadores como Karl Friederich von Martius, também visitou a região sul da Bahia observando a exuberância da Mata Atlântica.

Segundo CARVALHO, 1987 são vários os motivos que podem explicar o desmatamento de uma área. No entanto, num país com as dimensões do Brasil, e que já dispõe de ampla superfície agricultável, nem sempre eles se justificam. O aumento do nível de industrialização verificado na década de 1960, por exemplo, acarretou a expansão dos setores que utilizam matéria-prima florestal. Um atendimento irracional a essa demanda acelerou ainda mais a transformação de nossa cobertura vegetal.

As formações litorâneas, embora ocupando uma área pequena, menos de 5% do território, têm merecido grande atenção dos pesquisadores que trabalham com sensoria-mento remoto na avaliação da vegetação. Esse interesse se deve, em grande parte, ao acelerado processo de redução dessas áreas, já limitadas, o qual resulta sobretudo da expansão e especulação imobiliária. O desaparecimento de tais formações compromete o papel fundamental que elas exercem nos processos ecológicos costeiros, estuarinos e lacustres.

Reconstruindo a trajetória do uso (e abuso) das riquezas naturais que ainda compõem a região litorânea, depara-se com a constante e ampla intervenção da espécie humana na Mata Atlântica e seus ecossistemas associados, fato que vem propiciando a

descaracterização dessas áreas e a conseqüente e crescente criação de uma gama de "termos técnicos" para cada novo ambiente criado ou uma constante "reclassificação fisionômica e ecológica" dessas áreas. Isto retrata uma evolução da apropriação e domínio que os seres humanos vêm fazendo dos ambientes naturais, recriando-os a seu bel-prazer.

É de grande interesse para a população local, e também para aquela de caráter flutuante, saber que modificações na paisagem natural podem abalar de tal forma um ecossistema e serem tão profundas, mesmo passando despercebidas, que não haja mais possibilidade, como já ocorrido em muitos locais, de sua recuperação.

3.1.2.2 Interação da Flora com os Aspectos Geomorfológicos e Pedológicos

A APA da Costa de Itacaré possui, de uma forma genérica, três feições paisagísticas marcantes, quais sejam: a exuberância da Floresta Ombrófila Densa, na região mais continental; a verdejante e coreácea vegetação de restinga e a peculiaridade dos manguezais na região litorânea. A variação da paisagem, numa relação de causa e efeito, é a resultante de um conjunto de condicionantes físico-químico entre eles, os geográficos, geológicos, geomorfológicos, pedológicos e climáticos.

Os fatores supracitados interferem na área em questão sendo responsáveis por um elevado potencial hídrico e um relevo constituído por grandes aclives e declives no sentido continental e de áreas planas na zona costeira. Nestas últimas, instala-se no solo de areias quartzosas marinhas de drenagem excessiva, uma vegetação edáfica que apresenta adaptações aos condicionantes ambientais. O cultivo agrícola nestas áreas restringe-se às culturas de coco, cajú, dendê e piaçava.

Em Pé de Serra, onde encontra-se um considerável afloramento rochoso em substituição à paisagem de restinga, existe uma vegetação de porte herbáceo-arbustivo, com representantes de ambientes de restinga, bem como de vegetação de mata higrófila, a qual pode ser encontrada em regiões bem próximas em direção ao continente.

O relevo das áreas onde está estabelecida a típica vegetação de Floresta Ombrófila Densa possui topografia ondulada, tabuleiros costeiros, apresentando-se em alguns locais com morrotes abaulados e interflúvios entalhados profundamente, além de forte declividade em determinados trechos. Nesses locais há uma predominância de solos profundos com uma boa fração de argila. Em áreas de influência fluvial os solos são muito mal drenados e pobres, sendo a utilização agrícola restrita, principalmente por ficarem uma boa parte do ano inundadas.

É sabido que locais onde se instala uma exuberante vegetação de Floresta Ombrófila Densa são indicativos de solos agricultáveis. Uma prática muito frequente na região da APA consiste na exploração madeireira de cunho puramente extrativo seguida da

utilização do espaço aberto para o cultivo de determinadas culturas como: o milho, cana, banana, abacaxi, batata, maracujá, dentre outras de subsistência.

A participação antrópica na complexa e interligada rede de fatores naturais, tem sido, nos últimos 100 anos, bastante funesta. Segundo informações de trabalhadores rurais muitos proprietários "cedem" áreas desmatadas, integrantes de sua propriedade para que famílias possam utilizá-las para fins agrícolas, sendo todo esse procedimento formalizado através de documentações. Por outro lado, pessoas atuantes no movimento ecológico da região informou que determinado fazendeiro da localidade, realizou reforma agrária em 9 áreas onde foram colocadas 44 famílias para derrubar uma mata (provavelmente em estágio inicial de regeneração, com espécies sem valor comercial) e, depois do empobrecimento do solo, ele a comprou por um preço irrisório para fazer pastagens, e plantio de pequenas culturas.

3.1.2.3 Diversidade x Fragilidade

"À medida que a economia global se expande, aumentam as pressões sobre os sistemas biológicos da Terra. Quando isso ocorre, as indústrias pesqueiras entram em colapso, as florestas desaparecem, os campos naturais são convertidos em ermos estéreis, e as terras agrícolas deterioram-se, juntamente com a qualidade do ar, da água e de outros recursos de manutenção de vida." BROWN, L. 1978 in ODUM, 1986.

O centro da discussão em torno da crise ambiental é ocupado pelo confronto entre dois componentes estruturais da complexidade de um ecossistema: a **diversidade** e a **fragilidade**, que guardam em si pontos vulneráveis capazes de gerar desequilíbrios na funcionalidade de todo um sistema natural.

Nesse sentido, na medida em que o homem, pensando conhecer com um perfeito grau de exatidão até onde sua interferência é responsável pelos danos irreversíveis causados ao meio natural, vem provocando desordens de níveis variados ao solo, à conformação do relevo, aos recursos hídricos, enfim, vem comprometendo a qualidade de vida.

A área de proteção ambiental utiliza como premissa a exploração da beleza cênica da costa de Itacaré através do turismo e atividades correlatas e, simultaneamente, promover a conservação da área. É notório o sério risco que essas áreas podem sofrer tornando-se mais frágeis do que estão, caso se dê maior prioridade a uma atividade em detrimento da outra.

A Mata Atlântica é um ambiente natural dos mais importantes do mundo, devido a representatividade de espécies animais e vegetais que nele convivem. A floresta ombrófila densa, nas adjacências da região da costa de Itacaré, da mesma forma que

sofreu uma nítida redução no grau de diversidade, considerando o contingente original, teve a sua fragilidade aumentada por conta da nova conformação que passaram a ter. Tudo isso, sem mesmo ter tido conhecimento do valor que poderia ser atribuído a essas espécies. Entretanto, a importância da Mata Atlântica, não se restringe a sua grande diversidade. Os principais ecossistemas litorâneos brasileiros, como as restingas e os manguezais, dependem de sua preservação. A maioria dos rios, por exemplo, que formam o sistema de irrigação dos manguezais nasce nas serras cobertas por essa floresta, que protege as nascentes dos rios que desagüam no mar, impedindo assim, que as chuvas provoquem a erosão do solo, e o consequente assoreamento dos estuários.

Toda diversidade de ambientes e riqueza biológica da Mata Atlântica está sendo destruída antes mesmo de se tomar conhecimento sobre elas. Diversas espécies com potencial econômico já foram extintas e muitas outras acham-se em vias de extinção. Tendo em vista esses fatos é oportuno questionar como vem sendo atualmente o sistema de fiscalização dos recursos naturais.

É possível que um resultado aceitável dessa fiscalização só aconteça quando ela estiver presente e atuante na consciência de cada pessoa que reside ou visite áreas de beleza singular. É certo que o problema da consciência tem várias vertentes e uma delas é o conhecimento **do que** está se preservando e **para quê**. É importante, por exemplo, o indivíduo, leigo ou não, refletir o que representa garantir a integridade de um ambiente no qual uma espécie vegetal demora 25 anos ou mais na tentativa de retomar o seu equilíbrio. Isto nos reporta à citação de VALIELA, 1971 in ODUM, E.P. 1986 que se refere à sucessão como um processo em que o sistema acumula diversidade e especialização, até que o nível de imprevisibilidade ambiental torne contraproduutivo um aumento adicional na organização". Em outras palavras, a capacidade de regeneração e reestruturação de um ambiente natural tem limites.

Ainda sobre o homem, ODUM, 1986 relata: "Por causa da evolução do sistema nervoso central, o *Homo sapiens*, pouco a pouco, tornou-se o organismo mais poderoso, pelo menos em relação à capacidade de modificar a operação de ecossistemas. A nossa maneira de pensar, até agora, envolveu principalmente uma retroalimentação positiva que promove a expansão do poder, da tecnologia e de exploração de recursos".

Num ecossistema, os componentes estão interligados em redes por vários mensageiros físicos e químicos e as numerosas ligações de energia e de informação química pelos chamados "fios invisíveis da natureza"(ODUM,1986). Nesse raciocínio, uma "pequena" alteração feita num determinado ambiente, pode representar efeitos de grande alcance quando se trata da linguagem de ecossistema. Uma das demonstrações mais claras desse fenômeno é o que acontece na relação flora/fauna, quando por exemplo, a alteração de uma fauna compromete direta e indiretamente a flora, ou vice versa.

A fauna da Mata Atlântica tem importância fundamental na sobrevivência do ecossistema, por conta de interrelações biológicas. Entre 50 a 90% das espécies arbóreas e arbustivas dos trópicos são visitadas por vertebrados frugívoros dispersores de semente, correspondendo a aproximadamente 80% da fauna de aves e mamíferos (FLEMMING et al in MABBERLEY, 1992).

A extinção de espécies e ambientes vem caminhando a passos muito largos ou mesmo "via aérea", fato que vem impedindo uma melhor leitura das relações de causa e efeito da complexidade funcional e estrutural dos ambientes. Em detrimento do conhecimento dos antigos e naturais ecossistemas, são criados novos ecossistemas "tais como um novo tipo de agricultura ou novos conjuntos hospedeiros-parasita que tendem a oscilar mais violentamente e são mais perigosos a crescimento excessivo, comparados com sistemas maduros nos quais os componentes tiveram a oportunidade de se ajustarem um ao outro." (ODUM, 1986)

3.1.2.4 Importância Econômica

O vasto e rico potencial madeireiro da Floresta Ombrófila Densa foi fator que garantiu a sua destruição ao longo da costa brasileira, restando apenas trechos remanescentes aonde a mão humana ainda não se fez presente. A costa de Itacaré, apesar da ação antrópica, ainda guarda poucos exemplares de espécies raras e endêmicas de alto valor econômico e ecológico. O potencial econômico de muitas espécies vegetais ainda é desconhecido por muitos no meio científico e/ou popular, pois têm, além do potencial madeireiro e alimentício, outros como: uso medicinal, ornamental, têxtil, oleífero, artesanal, etc. Dentre as espécies de potencial econômico, ainda com representantes na região, citamos a seguir alguns exemplos como:

- **CARNE DE VACA** $\Rightarrow$ *Roupala* sp., as árvores desse gênero apesar de pequenas, 30 x 90 cm, merecem citação pela qualidade da madeira que sobre um fundo róseo-violáceo até castanho-arroxeadado, apresenta inúmeras manchas pálidas, produzindo um belo efeito e lembrando o Carvalho. Sua madeira é pesada, dura e com durabilidade apreciável. Usada na confecção de mobiliários, caixas para rádios e objetos decorativos.
- **CEDRO** $\Rightarrow$ Três espécies do gênero *Cedrela*, pertencentes à família Meliaceae, possuem madeira que varia do bege-rosado-escuro ao pardo-avermelhado-claro ou escuro; é além disso uniforme, lustrosa, lisa, aromática, macia ao corte e muito durável. A *Cedrela odorata* L. é cedro-vermelho da Amazônia, cuja área imensa se estende desde o norte do México até o nordeste, sendo porém muito comum na Hiléia.

- **EMBAÚBA** $\Rightarrow$ *Cecropia* sp. espécie com tronco articulado em nós e entrenós muito comum em áreas antropizadas. Seu fruto serve de alimento à Preguiça (*Bradipus*) e vivem associadas à formigas que constroem seu ninho no interior do caule, na parede dos entrenós. Desta forma parece conseguir proteção contra o ataque de alguns animais herbívoros.
- **IPÊ** $\Rightarrow$ *Tabebuia* sp., gênero com cerca de 60 espécies, conhecida também como Pau-D'arco da Amazônia à Bahia. Sua madeira mostra-se pardo-olivácea ou pardo-acastanhado-escuras, com reflexo esverdeado, lisas e de aspecto oleoso; como a peroba-de-campo, sempre encerram lapachol, cristais que, sob a ação dos alcalis (potassa, soda) assumem coloração intensamente vermelha. É difícil de serrar, servindo para construções pesadas e externas, pontes, dormentes, etc. Outras espécies tem lenho mole e não tem lapachol. Além das madeiras, todas são apreciadíssimas como ornamentais, em virtudes das maças florações vivamente coloridas na ausência de folhagem.
- **JACARANDÁ DA BAÍA** $\Rightarrow$ *Dalbergia nigra* (Vell.) Fr.All., árvore em geral muito grande, cujo tronco é um tanto irregular, podendo alcançar um diâmetro máximo de 12 cm; árvore rara, via de regra com madeira pardo-escuro-violácea com listas ou manchas pretas. Superfície irregurlamente lustrosa e lisa, com cheiro peculiar, agradável, pouco intenso e sabor adocicado. Pesada, dura e resistente, usada em grande escala para mobiliários de luxo e objetos decorativos de escritórios. É a mais valiosa das madeiras nacionais.
- **JATOBÁ** $\Rightarrow$ Nomenclatura vulgar associada a varias espécies do gênero *Hymenaea*, é uma árvore magna de até 40 m de altura por 2 m de diâmetro. Madeira variando do róseo-pardacento ao pardo-avermelhado escuro, lisa, muito pesada e dura. Utilizada em construção civil, obras hidráulicas, carrocerias, canoas, etc. É utilizada também sua resina, empregada na composição de vernizes.
- **JEQUITIBÁ** $\Rightarrow$ *Cariniana* sp., árvores enormes, colunar que chegam a atingir 40 m de altura e mais de 2 m de diâmetro. É peculiar à floresta desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul. Madeira rósea-avermalhada ou pardo-rosada, variando de áspera a lisa, moderadamente pesada, macia e bastante durável. Aplicada para carpintaria, saltos de sapato, esquadrias, etc.
- **MAÇARANDUBA** $\Rightarrow$ *Manilkara* spp., árvore que atinge cerca de 35 m x 150 cm e habita a Floresta Ombrófila Densa desde a BA até o RJ. Madeira vermelho-viva, que se torna vermelho-pardacenta com leve tonalidade violácea, uniforme, lisa, pesada, dura, compacta e extremamente refratária à putrefação e ao gusano. Usada para arcos de violino, peças de estrutura de fábricas, estacas, vigas, dormentes, etc.

- **MATATAÚBA** ⇒ *Didymopanax morototoni* (Aubl.) Don. & Planchon, árvore que atinge até 30 m de altura com tronco retilíneo de até 90 cm de DAP. Madeira leve, macia ao corte, grã direita, textura média e de baixa durabilidade. Utilizada em esculturas, marcenaria em geral, confecção de brinquedos, pás de sorvete, etc. Também utilizada no paisagismo principalmente na arborização de parques e jardins. Com rápido crescimento e produtora de frutos apreciados pela fauna é recomendada para adensamento de matas degradadas e recomposição de áreas de preservação permanente.
- **PAU-BRASIL** ⇒ *Caesalpinia echinata* Lam., árvore de 6-15 m, relativamente fina (20-40 cm), com madeira uniformemente alaranjada com reflexo dourado; superfície lustrosa e lisa; muito pesada e dura. Atualmente, só é empregada na fabricação de arcos de violino. Seu potencial de corante foi muito utilizado outrora para tingir tecidos e fabricar tintas de escrever. É a árvore símbolo do Brasil, foi tão explorada na época do Brasil colônia que rareia atualmente nos trechos remanescentes da Mata Atlântica.
- **PAU POMBO** ⇒ *Tapirira guianensis* Aubl., árvore de porte elegante cuja madeira é usada para caixas e construções internas. Os saguis (*Callithrix*) têm o hábito de sugar o seu exudado. Seu fruto é comestível e altamente procurado pela fauna em geral. Usada com sucesso em reflorestamentos heterogêneos de áreas degradadas de vegetação permanente, principalmente em lugares úmidos.
- **PEQUI PRETO** ⇒ *Caryocar edule* Casarreto, é apreciado pelas suas sementes com gosto de amêndoas, as quais são ricas em óleo de boa qualidade alimentícia. Os frutos são muito mais importantes do que a madeira, e a gordura extraída dos primeiros é usada na manufatura doméstica de sabão.
- **PIAÇAVA** ⇒ Diversas palmeiras brasileiras são conhecidas sob essa nomenclatura vulgar. O Estado da Bahia, possui, praticamente, o monopólio da piaçava, com a espécie *Attalea funifera* Mart., cujas fibras duras e flexíveis, alcançam mais de 2 m. Importante produto da indústria extrativista, pois são empregadas imediatamente, dispensando quaisquer beneficiamento. Sua única utilização, até o momento, reside na manufatura de vassouras e escovas.
- **SAPUCAIA** ⇒ *Lecythis pisonis* Camb., árvore de uns 20-30 m x 50-100 cm com casca muito grossa e dura, pardo-escura, sulcada, gerando cristas planas, sinuosas e entrelaçadas. Madeira vermelho-pardacenta, uniforme, resistente e de boa durabilidade usada na construção civil e naval. Ocorre do Ceará ao Rio de Janeiro, sobretudo no sul da Bahia e norte do Espírito Santo. Seu fruto é comestível.
- **SERINGUEIRA** ⇒ *Hevea brasiliensis* M. Arg., árvore da família das Euforbiáceas que podem alcançar 20 m. Espécie nativa da bacia do Amazonas, chegou a outras regiões do País, em particular na zona de Ilhéus onde, devido à fertilidade do solo,

se desenvolveu muito bem. A borracha natural, é produzida através do látex extraído da seringueira, utilizada de maneira indispensável na indústria aeronáutica para fabricação de pneumáticos para aviões. À medida que as reservas petrolíferas forem diminuindo e encarecendo, a borracha natural ficará mais competitiva no mercado internacional.

- **SUCUPIRA** ⇒ existem dois gêneros que recebem a denominação vulgar de Sucupira: *Bowdichia* H.B.K. da família Fabaceae e *Diploptropis* Benth. da família Caesalpiniaceae. A *Bowdichia virgilioides* H.B.K é uma árvore que atinge 16 m de altura com 50 cm de diâmetro. Apresenta madeira pesada, fibrosa, bastante decorativa e de grande durabilidade natural. É empregada para acabamentos internos como assoalhos, labris, molduras, etc. É extremamente ornamental, tratando-se de planta pioneira e adaptada a terrenos secos e pobres, sendo ótima para plantios em áreas degradadas. O gênero *Diploptropis* tem espécies que atingem até 30 m, com madeira pesada, dura, compacta e durável com alto valor comercial no mercado.

3.1.3 LEVANTAMENTO FLORÍSTICO

Essa listagem taxonômica referencia algumas espécies vegetais que ocorrem na área da APA de Itacaré. Estão relacionadas em **ordem alfabética da nomenclatura vulgar**, seguidas da nomenclatura científica e da família correspondente, havendo também a identificação dos ecossistemas onde as mesmas ocorrem e sua importância econômica.

Nome Vulgar	Nome Científico	Ocorrência
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	AA
Acá branco	<i>Eclinusa</i> sp.	MEM / MEA
Acá vermelho	<i>Chrysophyllum</i> sp.	MEM / MEA
Acá/Bapeba	<i>Lucuma</i> sp.	MEM / MEA
Aderno	<i>Astronium</i> sp.	RT
Amendoeira da praia	<i>Terminalia catappa</i> L.	RT / AA
Amescla	<i>Protium</i> sp.	MEM / MEA/ RT
Angelim	<i>Andira</i> sp.	MEM/ MEA
Angelim Amargoso/Amargoso	<i>Andira vermifuga</i> Mart. ex. Benth.	MEA / MEM
Araçá	<i>Psidium</i> sp.	RT
Arapaçu/Paraju-vermelho	<i>Manilkara longifolia</i> (D.C.) Dub.	MEM / MEA
Araribá/Araribá da serra	<i>Centrolobium robustum</i> (Vell.) Mart. ex. Benth.	MEM / MEA

APA ITACARÉ / SERRA GRANDE

Nome Vulgar	Nome Científico	Ocorrência
Aroeira de praia	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	RT
Baba de boi	<i>Cordia</i> sp.	MEM / MEA
Bacumixá /Bacumuxá /Pau de remo	<i>Syderoxylon vastum</i> Fr.Allem.	MEM / MEA
Banana	<i>Musa</i> sp.	AA
Bapeba	<i>Pouteria guianensis</i> Aubl.	MEM / MEA
Batinga/Miroró de Imbira	<i>Luehea grandifolia</i> Mart.	MEM / MEA/ RT
Biquiba/ Bicuíba/ Urucuba	<i>Virola gardneri</i> (A.D.C.) Warb.	MEA
Biriba/Embiriba	<i>Eschweilera speciosa</i>	MEA / MEM/ RT
Bomba D'agua	<i>Hidrogaster trinerve</i> Khulm.	MEA / MEM
Braúna /Baraúna /Baraúna preta	<i>Melanoxylon braunia</i> Schott.	MEM / MEA
Buranhém	<i>Pradosia lactescens</i> Raddk.	MEM / MEA
Buranhém/ Piancá	<i>Pradosia glycophloea</i> (Casaretto) Liais	MEM / MEA
Cacau	<i>Theobroma cacao</i> L	AA
Cajá	<i>Spondias lutea</i> M.	MEM
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	RT/ AA
Camboatá	<i>Cuppania</i> sp.	MEI
Canela de velho	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	MEI / RT
Carne de anta/ Pau colher	<i>Maytenus</i> sp.	MEM
Carne de vaca/Aderno faia vermelho	<i>Roupala</i> sp.	MEM/ MEA
Caroba	<i>Jacaranda</i> sp.	RT / MEM
Catolé	<i>Attalea burretiana</i>	MEM/ RT
Catuaba	<i>Trichilia</i> sp.	MEM
Cedro	<i>Cedrela</i> sp.	MEM / MEA
Cipó caboclo	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	MEA
Cobi	<i>Senna multijuga</i> (L.C. Rich) Irwin & Barneby	MEM
Cocão	<i>Erythroxylum</i> sp.	MEM
Cocão	<i>Raputia</i> sp.	MEM
Côco da bahia	<i>Cocos nucifera</i> L.	AA/ RT
Condurú	<i>Jacaranda filicifolia</i>	MEM / MEA

APA ITACARÉ / SERRA GRANDE

	D. Don.	
Condurú	<i>Brosimum</i> sp.	MEM / MEA
Coração de negro	<i>Chamecrista bahiae</i> Irw. & Barneby	MEM/ MEA
Coração de negro/ Fruto de urubu	<i>Swartzia grandifolia</i> Benth.	MEA
Coração de negro/ Fruto de urubu	<i>Swartzia apetala</i> Vogel.	MEM
Dendezeiro	<i>Elaeis guianensis</i> Jacq.	RT
Desconhecida(endêmica restrita)	<i>Harleyodendron unifoliatum</i> Cowan	MEA
Desconhecida(endêmica restrita)	<i>Arapatiella psilophylla</i> Cowan	MEA
Desconhecida(endêmica restrita)	<i>Hornschuchia obliqua</i> P. Maas & Van Setten	MEA
Desconhecida(espécie nova)	<i>Zollernia magnífica</i> A.M. de Carvalho & Barneby	MEA
Desconhecida(espécie nova)	<i>Zollernia modesta</i> A.M. de Carvalho & Barneby	MEA
Desconhecida(espécie rara)	<i>Voyria obconica</i> Progel	MEA
Desconhecida(espécie rara)	<i>Trichipteris praecinta</i> (Kuntze) Tryon	MEA
Desconhecida(indicadora de mata primária)	<i>Nematanthus corticola</i> Schrader	MEA
Desconhecida(indicadora de mata primária)	<i>Schizaea fluminensis</i> Miers ex. Sturm.	MEA
Embaúba/Imbaúba/ Umbaúba	<i>Cecropia hololeuca</i> Mi-quel	MEM / MEA/ MEI / AA
Embaúba/Imbaúba/Umbaúba	<i>Cecropia peltata</i> M.	MEM / MEA/ MEI/ AA
Embiriçu/Imbiruçu	<i>Bombax macrophyllum</i> K. Schum.	MEA
Farinha Seca/Pão de Açúcar	<i>Neea</i> sp.	MEM/ MEA/ RT
Fruta Pão	<i>Artocarpus altalis</i> (Parkinson) Forsberg	AA
Gameleira	<i>Ficus</i> spp.	MEA/ MEM/ RT
Gindiba	<i>Sloanea</i> sp.	MEM/ MEA
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	AA
Ingá	<i>Inga</i> spp.	MEM/ MEA/ RT
Inhaiba	<i>Holopyxidium</i> sp.	MEA
Inhaiba	<i>Lecythis</i> sp.	MEA

APA ITACARÉ / SERRA GRANDE

Nome Vulgar	Nome Científico	Ocorrência
Ipê / Pau d'arco	<i>Tabebuia</i> sp.	MEM / MEA
Jacarandá branco	<i>Swartzia macrostachya</i> Benth.	MEA/ MEM
Jacarandá da baía	<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) All. ex. Benth.	MEA
Jambo	<i>Syzigium malaccensis</i> (L.) M. & Per.	MEA/ AA
Janaúba	<i>Himatanthus lancifolius</i> (Muell. Arg.) Woods.	MEI / MEM
Janaúba	<i>Himatanthus phagedaenica</i> (Mart.) Woods.	MEM
Jaqueira	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lamarck.	AA
Jatobá	<i>Hymenaea</i> sp.	MEA
Jequitibá	<i>Cariniana</i> sp.	MEA
Jitirana	<i>Centrosema</i> sp.	MEA
Juerana	<i>Parkia</i> sp.	MEM / MEA
Jussara/ Palmito	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	MEM / AA
Louro	<i>Nectandra</i> sp.	MEM/ MEA/ RT
Louro	<i>Ocotea</i> sp.	MEM/ MEA/ RT
Louro	<i>Vochysia</i> sp.	MEA
Louro paçuaré	<i>Sclerolobium crysophyllum</i> Poepp. & Endl.	MEA
Macaco preto	<i>Pouteria</i> sp.	MEM/ MEA
Maçaranduba	<i>Manilkara</i> spp.	MEM / MEA
Mandioca	<i>Manihot</i> sp.	AA
Mané véio/Mané velho	<i>Bactris</i> sp.	AA/ MEM/ MEA
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	AA
Mangue branco	<i>Laguncularia racemosa</i> Gaertn.	MG
Mangue vermelho	<i>Rhizophora mangle</i> L.	MG
Maracujá	<i>Passiflora</i> sp.	AA
Maria preta	<i>Cordia salzmanii</i> Griseb.	MEM/ MEA
Maria preta verdadeira	<i>Cordia corimbosa</i> (L.) Dor.	MEM/ MEA
Matataúba	<i>Didymopanax morototoni</i> Decne & Planch.	MEI/ MEM/MEA/AA
Milho	<i>Zea mays</i> L.	AA
Muanza/Angico	<i>Piptadenia</i> sp.	MEM/ MEA

APA ITACARÉ / SERRA GRANDE

Nome Vulgar	Nome Científico	Ocorrência
Mundururú ferro/ Mundururú	<i>Henriettea succosa</i> (Aubl.) DC.	MEA
Murici	<i>Byrsonima seriacea</i> DC.	MEA/ MEM/ RT
Murici açu/Murici verdadeiro	<i>Byrsonima verbacifolia</i> (L.) HBK.	MEM/ RT
Murici da mata	<i>Byrsonima stipulacea</i> Adr. Juss.	MEM/ RT
Murta	<i>Myrtus communis</i> Blanco	MEM/ RT
Murta	<i>Myrtus</i> sp.	MEM/ RT
Murta	<i>Myrciaria</i> sp.	MEM/ RT
Murta cumbuca	<i>Gomidesia langsdorffii</i> Berg.	MEM/ RT
Oiti	<i>Couepia</i> spp.	MEM/ MEA/RT
Oiti	<i>Parinari littoralis</i> Prance	MEM
Oiti cumbuca	<i>Parinari alvimii</i> Prance	MEM
Oiti mirim	<i>Licania hypoleuca</i> Benth.	MEM/ MEA/RT
Óleo comumbá	<i>Macrolobium latifolium</i> Vog.	MEM / MEA
Pati	<i>Syagrus botryophora</i> (Mart.) Mart.	MEI / MEM/ RT
Pau brasil	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	MEA
Pau D'arco/ Ipê	<i>Tabebuia</i> spp.	MEA
Pau D'óleo	<i>Copaifera</i> spp.	MEA
Pau de colher	<i>Mouriria grandifolia</i> DC.	MEM
Pau de colher	<i>Tabernaemontana solanifolia</i> DC.	MEM
Pau de remo	<i>Styrax leprosum</i> Hook. & Arm.	MEM / RT
Pau jangada	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	MEM/ MEA
Pau pombo	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	MEI/ MEM/ MEA / RT
Pau roxo	<i>Peltogyne discolor</i> Vog.	MEA
Pau sangue	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vog.	MEM/ RT
Pau sangue preto	<i>Pterocarpus</i> sp.	MEM/ MEA
Pau sangue preto	<i>Myrospermum erythroxylum</i> Fr. Allem.	MEM/ MEA
Pequi preto	<i>Caryocar edule</i> Casarreto	MEA

APA ITACARÉ / SERR

Nome Vulgar	Nome Científico	Ocorrência
Pequi vinagreiro	<i>Caryocar glabum</i> (Aubl.) Pers.	MEA
Pequi/Pequiá	<i>Caryocar</i> sp.	MEM/ RT
Peroba rosa	<i>Aspidosperma</i> sp.	MEA
Piaçava/Piaçaba	<i>Attalea funifera</i> Mart.	MEI/ MEM/RT
Pindaiba branca	<i>Xylopia</i> sp.	MEM
Pindaiba preta	<i>Guatteria</i> sp.	MEA
Pinheiro	<i>Pinus</i> sp.	AA
Pitiá peroba	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	MEM
Pitiá/Pitiá de leite/Piquiá de leite	<i>Macoubea guianensis</i> Aublet.	MEM
Samuma branca	<i>Sterculia chicha</i> St. Hil.	MEA
Sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i> Camb.	MEA
Sapucaia mirim	<i>Lecythis lanceolata</i> Poir.	MEA
Seringueira	<i>Hevea brasiliensis</i> (Willd.) ex. A. Juss.) Muell. Arg.	AA
Sete cascas/Lava prato	<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng) Muell. Arg.	MEM/ MEA
Siriúba/ Siriba	<i>Avicennia</i> sp.	MG
Sombreiro	<i>Clitoria fairchildiana</i> Howard in Bailey	AA
Sucupira	<i>Bowdichia virgilioides</i> H.B.K	MEI / MEM/ MEA
Sucupira	<i>Diplotropis</i> sp.	MEM / MEA
Tararanga	<i>Pourouma</i> sp.	MEM/ MEA
Tucum/Ticum	<i>Bactris</i> sp.	MEI
Unha de vaca/Unha de boi	<i>Bauhinia guianensis</i> Aubl.	MEM
Uruçuca	<i>Vochysia</i> sp.	MEA

Legenda da Ocorrência

- MEA** - Mata em estágio avançado de regeneração
MEM - Mata em estágio médio de regeneração
MEI - Mata em estágio inicial de regeneração
MG - Mangue
RT - Restinga
AA - Áreas Antropizadas

3.2 DESCRIÇÃO DA FAUNA

3.2.1 ASPECTOS GERAIS

Foi registrado na área de estudo a ocorrência de 211 espécies de vertebrados, sendo caracterizados a seguir alguns grupos zoológicos e espécies que, devido a sua condição de endemismo, raridade e funções desempenhadas nos ecossistemas devem ser mencionadas.

Os anfíbios anuros (sapos, rãs, pererecas) possuem cerca de 3500 espécies distribuídas por todos os continentes, com exceção da Antártida. Os anuros terrestres de corpo robusto, que dão saltos curtos, são frequentemente denominados de sapos. Geralmente, possuem cabeça rombuda, patas curtas e membranas interdigitais pouco desenvolvidas, sendo em sua maioria, representantes da família BUFONIDAE (POUGH *et al.*, 1993), da qual foram registradas as espécies *Bufo paracnemis* (sapo-boi) e *B. marinus* (sapo-cururu). Os animais denominados rãs usualmente possuem pernas longas, movem-se por saltos e apresentam em geral, predileção pela vida aquática, vivendo a beira de charcos, rios e lagoas (SANTOS, 1981). As espécies *Leptodactylos ocellatus* (rã) e *L. pentadactylus* (rã-pimenta) observadas na área de estudo pertencem a família LEPTODACTYLIDAE. Os anuros conhecidos vulgarmente como pererecas são, em sua maioria arborícolas, apresentando ventosas nos dedos para uma melhor fixação no substrato, existindo porém, algumas espécies aquáticas e terrestres. Estes, são representados neste estudo por um único gênero, *Hyla* sp., pertencente a família HYLIDAE.

POUGH *et al* (1993) menciona que todos os anfíbios atuais são carnívoros, alimentando-se de quase tudo que são capazes de capturar, matar e deglutir. Porém, de um modo geral, a dieta desses animais é composta principalmente por insetos, constituindo, importantes controladores biológicos de pragas em lavouras, como também de insetos dentro de áreas urbanas e matas. Além disto, os anuros, dentro da cadeia trófica, servem de alimento para diversas espécies de répteis, destacando-se a cobra boipeva (*Waglerophis merremii*), especialmente adaptada para esse tipo de alimentação e algumas aves aquáticas.

Ainda com relação a alimentação, ARGÔLO (1992) menciona que a abundância de artrópodes no folheto de cacauais no sudeste baiano, associado as condições de umidade, propicia a ocorrência de muitas espécies de anuros, relacionando os seguintes gêneros encontrados em seus estudos: *Adenomera*, *Lepetodactylus*, *Physalaemus*, *Colosthetus*, *Eleutherodactylus*, *Stereocyclops*, *Osteocephalus*, *Proceratophrys*, *Ceratophrys*, *Phrynohyas*, *Hyla*, *Phyllodytes* e *Bufo*.

Os lagartos são representados pelas espécies *Tropidurus torquatus* (TROPIDURIDAE), *Ameiva ameiva*, *Tupinambis teguixim*, *Cnemidophorus ocellifer* (TEIIDAE), *Iguana iguana* (IGUANIDAE) e *Mabuya* sp. (SCINCIDAE). *T. torquatus*

pécie e a sua alimentação, uma vez que, um grande número de espécies de roedores e marsupiais também possuem hábito trepador. HYLDEBRAND (1995) cita algumas vantagens seletivas do hábito trepador como, a obtenção de alimentos (folhas, brotos, mel, insetos, aves, ovos e mamíferos) em arbustos e árvores, além de proporcionar pontos vantajosos a partir dos quais o animal pode perscrutar o ambiente detectando possíveis predadores. *E. cenchria* (salamanta) pode ser encontrada tanto no solo como sobre as árvores, vivendo na caatinga, em restingas e florestas. Alimenta-se de lagartos, aves, ovos e mamíferos.

A família COLUBRIDAE agrupa o maior número de serpentes do mundo, possuindo 1550 espécies encontradas em todos os continentes, exceto a Antártida (POUGH et al., 1993). Muitas espécies opistóglifas possuem glândulas que secretam peçonha (veneno), utilizada para matar a presa, mas ao contrário das ELAPIDAE e VIPERIDAE, não possuem dentes especializados para a sua inoculação.

Os colubrídeos podem ocupar diferentes substratos no ambiente, apresentando espécies fossoriais, terrestres e arborícolas. Entre estas últimas, destaca-se *Dipsas catesbyi* que, segundo ARGÔLO (1992), pode ser encontrada nas copas dos cacaueiros, dentro de bromélias e no solo, sob o folhiço, sendo considerada particularmente abundante na região de Itacaré. *D. indica* (pingo-de-ouro), *D. petersi* (pingo-de-ouro), *D. neivai* e *Spilotes pullatus* (cainana) pode serem encontradas sobre os galhos dos cacaueiros, sob as cascas de árvores apodrecidas, sobre bromélias fixadas na vegetação, como também no solo, apresentando deste modo, uma flexibilidade em relação a ocupação de diversos estratos na vegetação, possibilitando uma maior exploração do ambiente para a captura de suas presas.

Algumas espécies podem ser encontradas próximo a residências em área urbana ou mesmo, tem a sua ocorrência associada a ambientes alterados pelo homem, sem contudo, oferecer-lhe perigo. São estas, *Liophis cobellus* (coral), *L. miliaris* (cobra-d'água), *L. poecilogyrus* (cobra-d'água), *Mastigodryas bifossatus* (jararacussú), *Oxyrhopus petola* (coral), *Pseudoboa nigra* (cobra-preta) e *Waglerophis merremii* (boipeva). Algumas espécies de colubrídeos, apesar da sua inocuidade são bastante temidos na região devido o seu mimetismo com espécies peçonhentas das famílias VIPERIDAE e ELAPIDAE. *Oxyrhopus trigeminus* (falsa-coral) e *Erythrolamprus aesculapii* (falsa-coral), esta última de hábitos ofiofágicos, mimetizam as corais verdadeiras (*Micrurus* spp.). Da mesma forma, *Xenodon rabdocephalus* (jararacussú) e *Waglerophis merremii* (boipeva) mimetizam perfeitamente várias espécies de jararacas (*Bothrops* spp.). MARQUES et al. (1990) mencionam que *E. aesculapii* e *Micrurus corallinus* (coral-verdadeira registrada na região) ocorrem amplamente na Mata Atlântica. A semelhança entre ambas não se restringe apenas ao padrão do colorido, mas também ao hábito alimentar, que consiste basicamente de animais serpentiformes. Os autores citam que provavelmente *M. corallinus*, de hábito fossoriais, forrageia em camadas semi-subterrâneas enquanto que *E. aesculapii* explora substratos mais super-

ficiais, tendo sido registrado no seu conteúdo estomacal, um exemplar de *Waglerophis merremii* e *Mastigodryas bifossatus*, entre outras espécies.

GRANTS AU (1991) cita que a família ELAPIDAE é constituída por único gênero, *Micrurus* (corais), com 19 espécies em 28 formas. As cobras corais possuem hábito noturno, permanecendo durante o dia embaixo dos cupinzeiros, em buracos ou outros esconderijos no solo. Alimentam-se em geral de ofídios e lagartixas que vivem sob o solo. Entretanto, MARQUES *et al.* (1991) mencionam que algumas espécies podem ter atividade diurna, alimentando-se neste período.

Apesar dos acidentes elapídicos serem geralmente de elevada gravidade, em função da potência do seu veneno, constituem menos de 1% dos acidentes ofídicos no Brasil. Esta família é representada pela coral (*Micrurus corallinus*) a qual, segundo ARGÔLO (1992), é bastante comum na região, com distribuição geográfica conhecida do sudeste do Brasil até o estado do Mato Grosso (GRANTS AU, 1991).

A família VIPERIDAE possui cerca de 200 espécies de serpentes peçonhentas pertencentes a duas subfamílias, Viperinae, com 60 espécies encontradas na Eurásia e na África (sem fossetas loreais) e Crotalinae (com fossetas loreais), com distribuição no Novo Mundo e na Ásia (POUGH *et al.*, 1993). Os membros da subfamília Crotalinae (jararacas, cascavéis e surucucus), conhecidos como cobras covinhas, caracterizam-se por possuírem um orifício, entre as narinas e os olhos, de cada lado da cabeça, chamado fosseta loreal ou covinha, além de denteção do tipo solenóglifa, permitindo uma maior eficiência na inoculação do veneno. No Brasil, a subfamília Crotalinae é representada por quatro gêneros: *Bothrops* (jararacas), *Bothriopsis* (jararaca-verde), *Crotalus* (cascavéis) e *Lachesis* (surucucus).

O gênero *Bothriopsis* é representado pela espécie *B. bilineata* (cobra-verde ou ouricana) que vive sobre árvores e moitas. Segundo GRANTS AU (1991), esta espécie é encontrada nas matas equatoriais das Guianas, Venezuela e no Brasil, nos estados do Amapá e Pará, como também em populações isoladas nas matas costeiras da Bahia até o Rio de Janeiro.

ARGÔLO (1992) menciona trata-se de uma espécie aparentemente exigente quanto ao habitat, sendo encontrada na Amazônia quase que exclusivamente em florestas primárias, sendo registrada em seus estudos em razoável número, em locais de extensas plantações de cacau (*Theobroma cacao*). Segundo o autor, as similaridades estruturais entre um cacau e uma floresta natural e a abundância de roedores e marsupiais naqueles locais constituem atrativos para a espécie.

O gênero *Bothrops* é representado na região pelas espécies *B. jararaca*, *B. leucurus*, *B. pirajai* e *B. pradoi*. Este gênero é responsável pela maioria dos acidentes ofídicos (90%) que ocorrem no Brasil (FURTADO, 1990), provocando mortalidade em cerca de 25% dos acidentes não tratados com soro (GRANTS AU, 1991). *B. leucurus* possui

uma grande capacidade adaptativa permitindo a exploração de diversos ambientes, podendo ser encontrada em áreas urbanas, inclusive na cidade de Salvador (FONSECA *et al.*, 1994), pastagens e Mata Atlântica. ARGÔLO (1994) menciona que a região cacauera da Bahia possui a mais diversificada fauna de ofídios peçonhentos do estado. É importante destacar a presença de *B. pirajai*, espécie endêmica do sul da Bahia, de ocorrência rara e restrita a florestas primárias, o que a torna vulnerável devido as constantes pressões antrópicas a esses ambientes.

O gênero *Lachesis* é representado na região por *L. muta rhombeata* (surucucu-pico-de-jaca) que possui juntamente com *Bothriopsis bilineata*, distribuição associada a áreas de florestas úmidas em bom estado de conservação. É listada oficialmente como a única serpente brasileira ameaçada de extinção (MELGAREJO *et al.*, 1991).

A ocorrência de *Lachesis muta* foi registrado também em outros locais do sudeste baiano, tais como: no município de Valença e na Reserva Biológica de Una (FREITAS, 1990) e na Estação Vera Cruz e Estação Ecológica Pau-Brasil (JAAKKO POYRY, 1994).

ARGÔLO (1992) cita que apesar da índole pacífica da espécie, esta é bastante conhecida e temida na região de estudo, constatando que os cacauais representa uma excelente alternativa para obtenção de alimento devido a presença de roedores nestes locais. Salienta, porém, que em função do porte que alcança (é o maior viperídeo do mundo, alcançando até 4,5m) e das suas exigências reprodutivas, o cacauai por si só não oferece condições de abrigo e locais adequados para a realização de suas posturas. Segundo o autor, a espécie provavelmente usa o cacauai para a aquisição de alimento.

As aves constituem o grupo de vertebrado que contribui com a maior diversidade na região, estando representado por 122 espécies pertencentes a 42 famílias. Em relação a sua composição é importante mencionar a ocorrência de várias espécies características de ambientes como restinga, mata de galeria, Mata Atlântica, lagoas e rios, manguezal, áreas urbanas, campos e ecossistemas marinhos. Essa ampla variedade na composição da avifauna esta relacionada com a diversidade de ecossistemas encontrados na região (nove), descritos por LEÃO *et al.* in ARGÔLO (1992), como também a alterações antrópicas nos ecossistemas originais, permitindo a ocupação por espécies menos exigentes.

Além de eficientes bioindicadores do ambiente as aves desempenham relevantes funções ao homem e a natureza. As espécies insetívoras exercem importante papel no controle biológico de cigarrinhas, gafanhotos e outros insetos prejudiciais a agricultura e pastagens. As espécies *Rhynchostus rufescens* (perdiz), *Bubulcus ibis* (garça-vaqueira), *Guirra guirra* (anu-branco), *Mivalgo chimachima* (gavião-carrapateiro), *Nyctidromus albicollis* (bacurau ou curiango), *Tachycineta albiventer* (andorinha-de-rio),

As aves destacam-se também como controladores naturais de animais peçonhentos. Alguns tinamídeos registrados na área como *Crypturellus* sp. (nambu), *tinamus solitarius* (macuco), cracídeos (*Crax blumenbachii*, *Penelope superciliaris* e *Ortalis aracuan*), gaviões (Accipitridae), falcões (Falconidae) e corujas (Strygidae) incluem em suas dietas animais peçonhentos como aranhas, escorpiões, lacraias, vespas e cobras.

Os cracídeos (mutuns, jacus, aracuan) vive entre as árvores e o solo das matas. Alimentam-se predominantemente de folhas e frutos, complementando com insetos, ovos, larvas, pequenos mamíferos, filhotes de aves e até crustáceos. Entre os cracídeos registrados na região, vale destacar a presença do mutum-de-bico-vermelho (*Crax blumenbachii*), espécie endêmica à Mata Atlântica do sudeste brasileiro. Segundo SICK (1988), atualmente a sua distribuição está restrita a pouquíssimas áreas ao sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Os mutuns vivem geralmente em pequenos grupos, passando a maior parte do dia no solo das florestas à procura de alimento, dormindo durante à noite, nos galhos das árvores. NARDELLI (1993) cita que nidificam na ramaria das árvores, repetindo a postura sempre no mesmo ninho, desde que não sejam molestados. Trata-se de uma ave dependente de ambientes florestados (mata primária), o que torna a destruição dessas áreas um fator determinante de seu desaparecimento. Na Lista das Espécies de Aves Ameaçadas do Brasil (COLLAR *et al.* in ANDRADE, 1995), *C. blumenbachii* é considerada uma espécie em situação crítica de extinção. Também estão listadas na categoria de Quase Ameaçada ou Próximo de ser considerada ameaçada as espécies *Tinamus solitarius* (macuco) e a araponga (*Procnias nudicollis*) encontradas na região. O macuco é o maior tinamídeo encontrado no Brasil (cerca de 42 cm de comprimento), pesando 1,2 a 1,8 Kg. Habita o interior da floresta, deslocando-se discretamente pela vegetação à procura de insetos, sementes e frutos.

Os cotingídeos são aves tipicamente neotropicais, de plumagem brilhante, exclusivamente frugívoros alimentando-se de frutos e bagas silvestres (ANDRADE, 1992). São representados na área de estudo pela araponga (*Procnias nudicollis*), cuja ocorrência esta associada a áreas de mata primária. Devido ao seu interessante canto (é um dos mais fortes produzidos pelas aves deste continente), sendo considerada a "voz da Serra do Mar", é muito procurada pelo mercado de aves de gaiola. A captura indiscriminada associada ao desmatamento de seus habitats naturais, vêm provocando uma diminuição considerável em suas populações na área de estudo.

3.2.1.1 Avifauna Migratória

A avifauna migratória é representada principalmente pelas famílias PROCELLARIIDAE, FREGATIDAE, ARDEIDAE, CHARADRIIDAE, SCOLOPACIDAE e LARIDAE.

Os procelarídeos são aves marinhas migratórias conhecidas como pardelas ou petréis, de aspectos e costumes semelhantes aos dos albatrozes. A maioria das espécies

es alimentam-se de peixes e cefalópodes e algumas de plâncton. SICK (1988) cita que algumas espécies são tão adaptadas à vida no mar que em terra não sabem andar e nem conseguem se manter em pé.

A pardela-de-sobre-branco (*Puffinus gravis*) observada na região, é um visitante meridional cuja distribuição geográfica limita-se ao oceano atlântico. Segundo VOOREN *et al.* (1989) esta espécie reproduz de novembro a maio nas Ilhas Malvinas, Tristão da Cunha e Gough. Faz migração transequatorial atingindo a costa brasileira entre abril e junho. *Calonectris diomedea* (pardela-de-bico-amarelo) realiza movimento migratório em sentido inverso da espécie anterior, nidificando no Mar Mediterrâneo, na costa de Portugal e Ilhas Canárias de maio a setembro, migrando para o hemisfério sul, sendo registrada no Brasil de dezembro a junho. A ocorrência de procelariídeos no litoral brasileiro é registrada, em geral, quando ocorrem mortandades pois, normalmente estes não se aproximam muito das praias preferindo mares abertos. A presença dessas espécies, entre outras, foi observada em diversas locais da costa baiana devido a ocorrência de uma elevada mortalidade registrada no período de maio a junho de 1994 (MAIA *et al.*, 1994).

A família ARDEIDAE é constituída principalmente por aves paludícolas conhecidas vulgarmente como garças, savacus e socós. Alimentam-se de peixes, insetos aquáticos, caranguejos, moluscos, anfíbios (até sapos do gênero *Bufo*), e ocasionalmente pequenos mamíferos. Entre os ardeídeos é importante destacar a ocorrência da garça-vaqueira (*Bubulcus ibis*) na região. Originária do velho mundo a garça-vaqueira chegou ao continente sul-americano no final do século passado e foi registrada pela primeira vez no Brasil na Ilha de Marajó em 1964 por Helmut Sick. Desde então, essa espécie tem sido registrada em várias regiões do país. Vive em campos secos e baixos, sendo comumente encontrada na companhia do gado aproveitando-se dos insetos que os mesmos espantam durante a pastagem. Possuem hábito insetívoro, podendo alimentar-se ocasionalmente de reptéis e anfíbios.

A família CHARADRIIDAE agrupa aves aquáticas cosmopolitas, possuindo no Brasil apenas quatro espécies residentes (reproduzem em território brasileiro) e seis migratórias. A aparência e o comportamento dos membros desta família são semelhantes aos dos maçaricos da família SCOLOPACIDAE. Alimentam-se de pequenos crustáceos, moluscos, insetos e vermes aquáticos. Entre as espécies observadas destacam-se os visitantes neárticos *Charadrius semipalmatus* (batuira-de-bando) e *Charadrius wilsonia* (agachadeira). *C. semipalmatus* reproduz em diversas regiões do Alasca, norte do Canadá e Estados Unidos durante o verão, migrando para as Américas Central e do Sul durante o inverno boreal (RICHARDS, 1988). A sua presença na costa baiana foi registrada por FREITAS (1991) no município de Valença e por ANTAS in CARBONELL (1986) na Baía de Todos os Santos e Camamu. Segundo este último autor, a Baía de Camamu é considerada o limite meridional para a ocorrência *C. semipalmatus* na costa atlântica. *C. wilsonia* nidifica em regiões situadas entre o equa-

entre outras registradas na região, contribuem para o equilíbrio trófico das populações de insetos.

Os gaviões, falcões e corujas são consumidores naturais de lagartos, cobras, camundongos e ratazanas, os quais podem caçar durante o dia ou a noite. ANDRADE (1993) menciona que o caburé (*Glaucidium brasilianum*), a corujinha-do-mato (*Otus choliba*) e a coruja-das-torres (*Tyto alba*), observadas na área de estudo são excelentes controladores naturais de pequenos roedores, podendo em uma só noite capturar vários camundongos, devendo entretanto serem protegidas e respeitadas. Em áreas abertas, o quiriquirei (*Falco sparverius*) e outros falcões observam suas presas, geralmente lagartos, cobras e roedores, lançando-se sobre elas rapidamente. Infelizmente, devido a falta de informação, os gaviões, falcões e corujas são vítimas de perseguição humana, sendo considerados como animais de "mal agouro" (corujas) ou predadores de aves domésticas, como é o caso do gavião-pegapinto (*Buteo magnirostris*).

Os catartídeos representados na área pelas espécies *Coragyps atratus* (urubu-de-cabeça-preta), *Cathartes aura* (urubu-de-cabeça-vermelha) e *C. burrovianus* (urubu-de-cabeça-amarela) são de grande importância na reciclagem do lixo orgânico, alimentando-se de animais mortos. Também são considerados animais de "mal agouro", sendo acusados de ajudarem na transmissão de algumas doenças ao gado, fato que até então não foi comprovado.

As diversas espécies de beija-flores observados, tais como *Chlorostilbon aureoventris* (besourinho-de-bico-vermelho), *Phaetornis ruber* (besourinho-da-mata), *Eupetomena macroura* (beija-flor-tesoura), como também as cambacicas (*Coereba flaveola*) alimentam-se de néctar, auxiliando na polinização de diversas plantas.

Os sanhaços (*Thraupis sayaca* e *T. palmarum*), as sabiás (*Turdus rufiventris*, *T. leucomelas* e *T. amaurochalinus*), o estevão (*Saltator similis*), a araponga (*Procnias nudicollis*), o papa-capim (*Sporophila nigricollis*) e o caboclinho (*S. bouvreuil*), entre outros observados, constituem espécies que devido ao hábito alimentar frugívoro e/ou granívoro, desempenham importante função vital na propagação de inúmeras plantas, através da disseminação de sementes. As aves podem realizar essa função de algumas maneiras, tais como: através das fezes, de regurgitos, a partir do transporte de sementes grudadas no próprio corpo ou deixando-as cair acidentalmente sobre o solo.

O carão (*Aramus guarauna*) e o gavião-caramujeiro (*Rosthramus sociabilis*) são aves malacofágicas, alimentando-se basicamente de moluscos que encontram à beira d'água e que podem ser transmissores de doenças. ANDRADE (1993) cita que essas aves podem alimentar-se do caramujo *Biomphalaria glabatra* e outras espécies hospedeiras intermediárias do trematódeo *Schistosoma mansoni*, ajudando desta forma, a controlar a esquistossomose.

dor e o Trópico de Câncer, ocorrendo na costa brasileira geralmente de setembro a maio.

Os escolopacídeos são aves aquáticas migratórias, com exceção das espécies *Gallinago gallinago* (narceja) e *Gallinago undulata* (narcejão), conhecidas como maçaricos. Alimentam-se de material vegetal, insetos, minhocas e vermes aquáticos, habitando as praias lamacentas e abertas de lagoas, rios e estuários. Sick (1988) cita que os maçaricos podem transferir plantas de um continente ao outro por intermédio de sementes em suas dejeções.

As aves limícolas, *Tringa solitaria* (maçarico-solitário) e *T. flavipes* (maçarico-de-perna-amarela) observadas na área de estudo, reproduzem em regiões do Canadá e Alasca durante o verão boreal, migrando posteriormente para a América Central e quase toda América do Sul até a Terra do Fogo. O maçarico vira-pedras (*Arenaria interpres*), registrado na região por ANTAS in CARBONELL (1986), reproduz em regiões do Mar Glacial Ártico desde o Alasca até a Sibéria, com áreas de invernada espalhadas nos continentes americano e africano, na Austrália e países europeus. Alimentam-se de moluscos, pequenos crustáceos, insetos e às vezes animais mortos.

A família LARIDAE (gaivotas, trinta-réis) é representada na região por uma única espécie, *Sterna hirundo* (trinta-réis-boreal) que reproduz em diversas ilhas e regiões do hemisfério norte (Bahamas, Açores e Madeira) de maio a agosto (HARRISON, 1986). Segundo ANTAS (1986), a população de *S. hirundo* que inverte no Brasil provém das colônias de reprodução da costa leste norte americana e canadense, bem como, dos grandes lagos da América do Norte. Chegam ao Brasil geralmente no final de setembro, na costa norte, e vêm descendo para o sul com pontos de parada principais na foz do Rio Amazonas, em São Luiz (MA), Recôncavo Baiano, Baía de Guanabara e costa do Rio Grande do Sul.

As aves migratórias se beneficiam de sua habilidade de explorar recursos de maneira sazonal em locais não favoráveis para uso contínuo. No entanto, essa mesma facilidade lhes tornam dependentes de uma sequência específica de áreas, as quais constituem elos de uma corrente essencial para que seu ciclo anual possa ser completado. As alterações do meio ambiente em larga escala em um dos locais críticos de descanso, alimentação ou invernada das aves provavelmente apresentará efeitos profundos e permanentes em populações inteiras. BLANCO *et al.* (1992) cita que as aves aquáticas são boas indicadoras de condições ambientais e monitorá-las periodicamente permite detectar alterações em suas populações, as quais podem ser decorrentes de modificações nos seus habitats.

O Censo Neotropical de Aves Aquáticas foi implantado no Brasil em 1991 com o apoio do Centro de Pesquisas para Conservação das Aves Silvestres (CEMAVE-IBAMA). Este programa é coordenado pelas instituições, DUCKS UNLIMITED (DU), BURÓ INTERNACIONAL PARA EL ESTUDIO DE LAS AVES ACUÁTICAS E LOS HUMEDALES

(IWRB) e HUMEDALES PARA LAS AMERICAS (WA), com o objetivo de coletar informações sobre os movimentos e a distribuição de aves aquáticas e da situação de seus ambientes.

Os mamíferos estão representados na região por 37 espécies agrupadas em 20 famílias. Com mais de 5000 espécies atuais, os mamíferos são considerados os animais mais evoluídos na escala zoológica. A maioria possui hábitos noturnos, dificultando observações na natureza, sendo os vestígios deixados (pegadas, fezes e outros), os meios mais eficazes para detectar a sua presença.

A família BRADYPODIDAE é representada na região por uma única espécie, *Bradypus torquatus* (preguiça-de-coleira), cuja ocorrência na área é mencionada por OLIVER & SANTOS (1991) e EMMONS (1990). *B. torquatus* é uma espécie endêmica à Mata Atlântica, sendo encontrada principalmente na Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Possui hábito arborícola, alimentando-se preferencialmente de folhas jovens, complementando sua dieta com lianas, frutos de embaúba (*Cecropia* spp.) e flores. PINDER in FONSECA *et al.* (1994) menciona alguns predadores de *B. torquatus*, cujas ocorrências foram mencionadas na área de estudo: gatos-do-mato (*Felis* spp.), jibóias (*Boa constrictor*) e papa-mel (*Eira barbara*).

Segundo a classificação da UICN (União Internacional para a Conservação da Natureza), *B. torquatus* é considerada uma espécie em perigo de extinção, cuja sobrevivência é improvável caso continuem operando os fatores causais de ameaça.

A família CALLITRICHIDAE é constituída por primatas neotropicais de pequeno tamanho, contendo cerca de 17 espécies. É representada na região por *Callithrix penicillata* (sagui), *C. penicillata kuhli* (sagui-de-wied) e *Leontopithecus chrysomelas* (mico-leão-de-cara-dourada), cujas ocorrências são mencionadas por OLIVER & SANTOS (1991) e VIVO (1991) e confirmadas pela população local. *C. penicillata kuhli* é classificado no Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da UICN na categoria VULNERÁVEL, na qual estão inclusas as espécies cujas populações estão decrescendo pelo excesso de exploração e destruição extensivas dos seus habitats. Sua área de ocorrência limita-se a florestas ao norte do Rio Jequitinhonha até o município de Valença. Alimenta-se basicamente de frutos, flores e insetos, sendo capaz de viver em vários tipos de habitats, incluindo áreas alteradas pelo homem, como cacauais. OLIVER & SANTOS (1991) mencionam que *C. penicillata kuhli* era abundante em cabucas na região há no mínimo 80 anos.

Leontopithecus chrysomelas é uma espécie endêmica à Mata Atlântica do sul da Bahia e estudos recentes relatam a sua ocorrência desde o Rio de Contas até o Rio Jequitinhonha. FONSECA *et al.* (1993) mencionam que a espécie é encontrada em florestas caracterizadas pela abundância de bromélias e com buracos nos troncos das árvores, os quais utilizam como abrigo ou locais de dormida. Sua dieta é constituída por frutos, flores, néctar e insetos em diferentes proporções. *L. chrysomelas* é consi-

derada pela UICN, uma espécie em perigo de extinção e esforços internacionais vem sendo intensificados para garantir as populações da Reserva Biológica de Una, única área protegida onde a espécie pode ser encontrada.

Os juparás (*Potus flavus*) distribuem-se pelas florestas do norte do Brasil até o estado do Mato grosso, norte de Goiás, Rio de Janeiro (BECKER & DALPONTE, 1991) e Bahia. São animais noturnos e arborícolas, geralmente permanecendo em tocas nas árvores durante o dia. Normalmente solitários, podem algumas vezes agregarem-se para a captura de frutos nas árvores. EMMONS (1990) menciona que sua dieta é composta cerca de 80% de frutos e 20% de insetos. Trata-se de um procionídeo muito conhecido em toda região cacauera devido ao hábito de alimentar-se da mucilagem da amêndoa do cacau (*Theobroma cacao*), que posteriormente deixa cair no solo, sendo um importante disseminador dessa planta na região.

Entre os mustelídeos registrados, destaca-se a presença da lontra (*Lutra longicaudis*), cuja ocorrência é registrada em todo o Brasil, exceto na regiões áridas do nordeste. Animal de vida semi-aquática é encontrado em rios, lagoas e represas. Geralmente solitários, possuem atividade diurna e noturna, escavando tocas em barrancos para reprodução e abrigo. Alimentam-se de moluscos, peixes, anfíbios, insetos, aves e mamíferos. *L. longicaudis* é registrada no Livro Vermelho da UICN como uma espécie VULNERAVEL, sendo considerada pela CITES (UNITED STATES ENDANGERED SPECIES ACT) como uma espécie ameaçada de extinção. Segundo moradores da região a espécie ocorre apenas em riachos circundados por vegetação densa.

As espécies *Felis concolor* (sussuarana), *F. pardalis* (jaguaririca) e *F. wiedii* (gato-maracajá) constituem a fauna de felinos registrada na região. Podem ser encontradas em quase todos os tipos de ecossistemas, inclusive em áreas inundadas, campos, florestas densas e áreas alteradas pelo homem desde que encontrem nestes, diversidade e abundância de presas. Caçam desde répteis, aves e pequenos roedores até mamíferos de grande porte como capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*), queixada (*Tayassu pecari*) e pacas (*Agouti paca*), sendo considerados predadores expressivos no controle de vertebrados herbívoros. Devido a fatores como a caça e a destruição acelerada dos seus habitats naturais, diminuindo a disponibilidade de presas, são considerados ameaçados de extinção pela CITES.

Os eretizomídeos são roedores de tamanho médio que possuem, em geral, pêlos modificados em espinhos fortes e pontudos. Ocorrem no continente americano, do norte dos Estados Unidos ao Uruguai (SILVA, 1994). São animais solitários de hábitos arborícolas, sendo observados geralmente nas horas de crepúsculo e à noite. Possuem audição e olfato muito sensíveis e alimentam-se principalmente de frutos e folhas. As espécies *Chaetomys subspinosus* (ouriço-preto) e *Sphiggurus insidiosus* (ouriço-cacheiro), endêmicas à Mata Atlântica e registradas na área de estudo por OLIVER & SANTOS (1991) são simpátricas, podendo ocupar áreas de mata, restinga e cabucas sendo, no entanto, encontradas preferencialmente em florestas com grande densida-

de de bromélias e cipós. *C. subspinosus* ocorre atualmente na faixa de Mata Atlântica nos estados da Bahia e Espírito Santo, sendo considerada uma espécie rara. *S. insidiosus* possui distribuição associada as áreas de Mata Atlântica dos estados de Sergipe até o Rio de Janeiro, sendo provavelmente mais susceptível a alterações nestes ambientes do que a espécie anterior. Quase nada se conhece sobre a biologia dessas espécies.

A ocorrência de *Peponocephala electra* (baleia-cabeça-de-melão) foi registrada na região em 1987, ocasião em que um grande número desses animais apareceram bastante debilitados ou mortos em Itacaré. *P. electra* pertence a mesma família que a orca (*Orcinus orca*), GLOBICEPHALIDAE, a qual é constituída por mamíferos marinhos odontocetos (cetáceos com dentes) de tamanho maior que os botos e golfinhos. PALAZZO & BOTH (1980) mencionam que *P. electra* atinge cerca de 3 metros de comprimento, pesando de 150 a 200 Kg, sendo encontrada em praticamente todos os oceanos tropicais e temperados.

3.2.2 LEVANTAMENTO FAUNÍSTICO

Classe Amphibia

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO ALIMENTAR	FONTE
BUFONIDAE	<i>Bufo marinus</i>	sapo-cururu	Cam/Flo	Car	Ent/bib
	<i>B. paracnemis</i>	sapo-boi	Cam/Urb	Car	Obs/ent
HYLIDAE	<i>Hyla sp.</i>	perereca	Flo/Rio	Ins	Obs/ent
LEPTODACTYLIDAE	<i>Leptodactylus ocellatus</i>	rã	Rio	Car	Obs/bib
	<i>L. pentadactylus</i>	rã-pimenta	Rio	Car	Ent/bib

Classe Aves

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO MENTAR	ALI-FONTE
TINAMIDAE	<i>Rhynchostus rufescens</i>	perdiz	Cam	Oni	Ent
	<i>Crypturellus sp.</i>	nambu	Flo	Oni	Ent
	<i>Tinamus solitarius</i>	macuco	Flo	Oni	Ent
PROCELLARIIDAE	<i>Puffinus gravis</i>	bobo-de-cabeça-preta	Mar	Pis/Cef	Obs
	<i>Calonectris diomedea</i>	bobo-grande	Mar	Pis/Cef	Obs
FREGATIDAE	<i>Fregata magnificens</i>	tesourão	Mar	Pis	Obs
ARDEIDAE	<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena	Rio	Car	Obs
	<i>E. ibis</i>	garça-vaqueira	Rio	Ins	Obs
	<i>Casmerodius albus</i>	garça-branca-grande	Cam	Car	Obs
	<i>Ardea cocoi</i>	socó-grande	Rio	Car	Obs
	<i>Butorides striatus</i>	socozinho	Rio/Lit	Car	Obs
	<i>Tigrisoma lineatum</i>	socó-boi	Rio	Car	Obs
ANATIDAE	<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê	Rio	Her	Obs/Ent
	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	ananaí	Rio	Car	Obs/Ent

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO MENTAR	ALI-FONTE
CATHARTIDAE	<i>Coragyps atratus</i>	urubu-de-cabeça-preta	Cam	Car	Obs
	<i>Cathartes aura</i>	urubu-caçador	Cam	Car	Obs
	<i>C. burrovianus</i>	urubu-de-cabeça-amarela	Cam	Car	Obs
ACCIPITRIDAE	<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira	Cam	Car	Obs
	<i>Rosthamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro	Rio	Car	Obs
	<i>Buteo albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco	Cam	Car	Obs
	<i>B. magnirostris</i>	gavião-pegapinto	Urb/Cam /Flo	Car	Obs
FALCONIDAE	<i>Mivargo chimachima</i>	gavião-carrapateiro	Cam	Car	Obs
	<i>Polyborus plancus</i>	gavião-carcará	Cam	Car	Obs
	<i>Falco sparverius</i>	falcão quiri-quiri	Cam	Car	Obs
CRACIDAE	<i>Ortalis araucuan</i>	aracua	Flo	Oni	Ent
	<i>Crax blumenbachii</i>	mutum-de-bico-vermelho	Flo	Oni	Ent
	<i>Penelope supercilialis</i>	jacu	Flo	Gra/Fru	Ent
ARAMIDAE	<i>Aramus guarauna</i>	carão	Rio	Car	Obs
RALLIDAE	<i>Aramides cajanea</i>	saracura-três-potes	Rio	Oni	Ent
	<i>Gallinula chloropus</i>	galinha-d'água	Rio	Oni	Obs
	<i>Porphyryula martinica</i>	frango-d'água-azul	Rio	Oni	Obs
JACANIDAE	<i>Jacana jacana</i>	jaçana	Cam/Rio	Oni	Obs
CHARADRIIDAE	<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	Cam	Car	Obs
	<i>Charadrius semipalmatus</i>	batuira-de-bando	Lit	Car	Obs
	<i>C. wilsonia</i>	agachadeira	Lit	Car	Obs

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO MENTAR	ALI-	FONTE
SCOLOPACIDAE	<i>Arenaria interpres</i>	vira-pedras	Rio/Lit	Car		Bib
	<i>Gallinago gallinago</i>	narceja	Rio	Car		Obs
	<i>Tringa flavipes</i>	maçarico-de-perna-amarela	Rio/Lit	Car		Obs
	<i>T. solitaria</i>	maçarico-solitário	Rio/Lit	Car		Obs
LARIDAE	<i>Sterna hirundo</i>	trinta-réis-boreal	Mar	Pis		Obs
COLUMBIDAE	<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-caldo-de-feijão	Urb/Flo	Gra		Obs
	<i>Scardafella squamata</i>	fogo-apagou	Cam/Flo	Gra		Obs
	<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	Flo	Gra		Ent/Obs
	<i>Columba livia</i>	pombo	Urb/Cam	Gra		Obs
PSITTACIDAE	<i>Amazona amazonica</i>	papagaio-do-mangue	Cam/Flo/ Res	Gra/Fru		Ent
	<i>Aratinga aurea</i>	periquito-estrela	Urb/Cam	Gra/Fru		Obs
	<i>Forpus xanthopterygius</i>	cuiubinha	Cam/Flo	Gra/Fru		Obs
CUCULIDAE	<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato	Cam/Flo	Car		Obs
	<i>Tapera naevia</i>	saci	Cam/Flo	Car		Ent
	<i>Crotophaga ani</i>	anum-preto	Cam	Car		Obs
	<i>Guira guira</i>	anum-branco	Cam	Car		Obs
TYTONIDAE	<i>Tyto alba</i>	coruja-das-torres	Urb/Cam	Car		Obs
STRYGIDAE	<i>Otus choliba</i>	corujinha-do-mato	Cam/Flo	Car		Ent
	<i>Glaucidium sp.</i>	caburé	Flo/Cam	Car		Ent
	<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira	Res/Cam	Ins		Ent
	<i>Rhynoptynix clamator</i>	coruja-orelhuda	Cam/Flo	Car		Ent
NYCTIBIDAE	<i>Nyctibius sp.</i>	urutau	Flo	Ins		Ent
CAPRIMULGIDAE	<i>Nictidromus albigollis</i>	curiango	Cam/Flo	Ins/Nec		Obs

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO MENTAR	ALI-FONTE
TROCHILIDAE	<i>Phaetornis petrei</i>	beija-flôr-de-rabo-branco	Flo	Ins/Nec	Obs
	<i>P. ruber</i>	besourinho-da-mata	Cam/Flo	Ins/Nec	Obs
	<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	besourinho-de-bico-vermelho	Cam/Flo	Ins/Nec	Obs
	<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flôr-tesoura	Urb/Cam	Ins/Nec	Obs
ALCEDINIDAE	<i>Ceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	Rio	Pis/Car	Obs
	<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde	Rio	Ins/Pis/Car	Obs
	<i>C. americana</i>	martim-pescador-pequeno	Rio	Pis/Car	Obs
GALBULIDAE	<i>Galbula ruficauda</i>	arirambinha-de-rabo-vermelho	Cam/Flo	Ins	Obs
BUCCONIDAE	<i>Nystalus sp.</i>	joão-bobo	Cam/Flo	Ins	Obs
RAMPHASTIDAE	<i>Ramphastus vitellinus</i>	tucano-de-bico-preto	Flo	Oni	Ent
	<i>Pteroglossus aracari</i>	araçari	Flo	Oni	Ent
PICIDAE	<i>Campephilus sp.</i>	pica-pau	Flo	Ins	Ent
	<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela	Flo	Ins	Ent
	<i>Picumnus sp.</i>	pica-pau-anão	Cam/Flo	Ins	Obs
FURNARIIDAE	<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	Cam	Car	Obs
	<i>Certhiaxis cinnamomea</i>	curutié	Rio/Flo	Car	Obs
	<i>Phacellodomus rufifrons</i>	carrega-madeira	Cam/Flo	Car	Obs
	<i>P. ruber</i>	graveteiro	Cam	Car	Obs
FORMICARIIDAE	<i>Formicivora grisea</i>	papa-formiga-pardo	Flo	Car	Obs
COTINGIDAE	<i>Procnias nudicollis</i>	araponga	Flo	Fru	Obs

APA ITACARÉ / SERRA GRANDE

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO MENTAR	ALI-FONTE
TYRANNIDAE	<i>Myzetetes similis</i>	bentivizinho	Cam/Flo	Car	Obs
	<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	Urb/Cam/Flo	Oni	Obs
	<i>Tyrannus melancholicus</i>	siriri	Cam/Flo	Oni	Obs
	<i>Megarhynchus pitangua</i>	bem-te-vi-de-bico-chato	Cam/Flo	Car	Obs
	<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira	Rio/Cam/Urb	Car	Obs
	<i>Arundinicola leucocephala</i>	caveirinha	Rio	Car	Obs
	<i>Elaenia flavogaster</i>	marido-é-dia	Cam/Flo	Car	Obs
	<i>Todirostrum cinereum</i>	tiriri	Cam/Flo	Car	Obs
HIRUNDINIDAE	<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-de-rio	Cam/Rio	Ins	Obs
	<i>T. leucorrhoa</i>	andorinha-de-asa-branca	Cam	Ins	Obs
	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-asa-de-serra	Cam	Ins	Obs
TROGLODYTIDAE	<i>Troglodytes aedon</i>	garrincha	Cam	Oni	Obs
	<i>Donacobius atricapillus</i>	japacapim	Cam/Rio	Oni	Obs
	<i>Mimus gilvus</i>	sabiá-da-praia	Res/Lit	Oni	Obs
MIMIDAE	<i>M. saturninus</i>	sabiá-do-campo	Cam	Oni	Obs
	<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-branco	Cam/Flo	Oni	Obs
	<i>T. rufiventris</i>	sabiá-coca	Cam/Flo	Oni	Obs
SYLVIDAE	<i>T. fumigatus</i>	sabiá-da-mata	Flo	Oni	Ent
	<i>Polioptila plumbea</i>	balança-rabo-de-chapéu	Res/Cam/Flo	Ins	Obs
MOTACILLIDAE	<i>Anthus lutescens</i>	caminheiro-zumbidor	Cam	Oni	Obs
VIREONIDAE	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	gente-de-fora-vem	Cam/Flo	Oni	Obs

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO MENTAR	ALI-FONTE
EMBERIZIDAE	<i>Cacicus cela</i>	xexéu	Flo	Oni	Obs
	<i>C. haemorrhous</i>	guaxé	Cam/Flo	Oni	Obs
	<i>Icterus icterus</i>	sofrê	Cam	Oni	Obs
	<i>Gnorimopsar chopi</i>	pássaro-preto	Cam	Oni	Obs
	<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	Cam/Flo	Oni	Ent
	<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	Cam	Nec/Oni	Obs
	<i>Tangara cayana</i>	saira-amarela	Cam	Fru	Ent
	<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaço-cinzento	Urb/Cam	Oni	Obs
	<i>T. palmarum</i>	sanhaço-dé-coqueiro	Urb/Cam	Oni	Obs
	<i>Ramphocelus bresilius</i>	sangue-de-boi	Cam/Flo	Gra/Fru	Obs
	<i>Saltator similis</i>	estevão	Cam/Flo	Gra/Fru	Ent
	<i>Volatinia jacarina</i>	tizíu	Cam/Flo	Oni	Obs
	<i>Oryzoborus angolensis</i>	curió	Flo	Oni	Obs
	<i>Sporophila nigricollis</i>	papa-capim	Cam	Oni	Obs
	<i>S. bouvreuil</i>	caboclino	Cam	Oni	Obs
EMBERIZIDAE	<i>S. caeruleus</i>	coleurinha	Cam/Flo	Oni	Obs
	<i>S. leucoptera</i>	chorão	Cam/Flo	Oni	Obs
	<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra	Cam/Flo	Gra	Obs
	<i>Emberizoides herbicola</i>	canário-do-campo	Cam	Oni	Obs
	<i>Thachyphonus rufus</i>	pêga	Cam/flo	Oni	Ent
PLOCEIDAE	<i>Passer domesticus</i>	pardal	Urb/cam	Oni	Obs

Classe Mammalia

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO ALIMENTAR	FONTE
DIDELPHIDAE	<i>Didelphis marsupialis</i>	sariguê	Flo	Oni	Ent/Bib
	<i>D. albiventris</i>	sarigu	Urb/Cam/Flo	Oni	Ent/Bib
BRADYPODIDAE	<i>Bradypus torquatus</i>	preguiça-de-coleira	Flo	Fol/Fru	Ent/bib
MYRMECOPHAGIDAE	<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-mirim	Cer/Flo	Ins	Ent
CALLITRICHIDAE	<i>Callithrix penicillata</i>	mico-de-tufos-brancos	Caa/Cam/Flo	Oni	Ent/Bib
	<i>C. penicillata kuhlii</i>	sagui-de-wiedi	Flo	Oni	Bib
	<i>Leontopithecus chrysomelas</i>	mico-leão-de-cara-dourada	Flo	Nec/Oni	Ent/Bib
PROCYONIDAE	<i>Potus flavus</i>	jupará	Flo	Fru/Ins	Ent
	<i>Nasua nasua</i>	coati	Flo	Oni	Ent
	<i>Procyon cancrivorus</i>	guaxinim	Rio/Flo	Oni	Ent
CANIDAE	<i>Dusicyon thous</i>	raposa-do-campo	Cam/Flo	Car	Ent
MUSTELIDAE	<i>Eira barbara</i>	papa-mel	Flo	Oni	Ent
	<i>Lutra longicaudis</i>	lontra	Rio	Car	Ent/Bib
FELIDAE	<i>Felis wiedii</i>	gato-do-mato	Flo	Car	Ent/Bib
	<i>F. pardalis</i>	jagatirica	Flo	Car	Ent
	<i>F. concolor</i>	sussuarana	Cam/Flo	Car	Ent
CERVIDAE	<i>Mazama sp.</i>	veado	Flo	Her	Ent
HYDROCHAERIDAE	<i>Hydrochaeris chaeiris</i>	capivara	Rio	Her	Ent/Bib
TAYASSUIDAE	<i>Tayassu pecari</i>	queixada	Flo	Oni	Ent/Bib
	<i>T. tajacu</i>	caititu	Flo	Oni	Ent/Bib
SCIURIDAE	<i>Sciurus aestuans</i>	caxinguelê	Flo	Fru	Ent/Bib

Classe Mammalia

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO ALIMENTAR	FONTE
DIDELPHIDAE	<i>Didelphis marsupialis</i>	sariguê	Flo	Oni	Ent/Bib
	<i>D. albiventris</i>	sarigu	Urb/Cam/Flo	Oni	Ent/Bib
BRADYPODIDAE	<i>Bradypus torquatus</i>	preguiça-de-coleira	Flo	Fol/Fru	Ent/bib
MYRMECOPHAGIDAE	<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-mirim	Cer/Flo	Ins	Ent
CALLITRICHIDAE	<i>Callithrix penicillata</i>	mico-de-tufos-brancos	Caa/Cam/Flo	Oni	Ent/Bib
	<i>C. penicillata kuhlii</i>	sagui-de-wiedi	Flo	Oni	Bib
	<i>Leontopithecus chrysomelas</i>	mico-leão-de-cara-dourada	Flo	Nec/Oni	Ent/Bib
PROCYONIDAE	<i>Potus flavus</i>	jupará	Flo	Fru/Ins	Ent
	<i>Nasua nasua</i>	coati	Flo	Oni	Ent
	<i>Procyon cancrivorus</i>	guaxinim	Rio/Flo	Oni	Ent
CANIDAE	<i>Dusicyon thous</i>	raposa-do-campo	Cam/Flo	Car	Ent
MUSTELIDAE	<i>Eira barbara</i>	papa-mel	Flo	Oni	Ent
	<i>Lutra longicaudis</i>	lontra	Rio	Car	Ent/Bib
FELIDAE	<i>Felis wiedii</i>	gato-do-mato	Flo	Car	Ent/Bib
	<i>F. pardalis</i>	jaguaritica	Flo	Car	Ent
	<i>F. concolor</i>	sussuarana	Cam/Flo	Car	Ent
CERVIDAE	<i>Mazama sp.</i>	veado	Flo	Her	Ent
HYDROCHAERIDAE	<i>Hydrochaeris chaeris</i>	capivara	Rio	Her	Ent/Bib
TAYASSUIDAE	<i>Tayassu pecari</i>	queixada	Flo	Oni	Ent/Bib
	<i>T. tajacu</i>	caititu	Flo	Oni	Ent/Bib
SCIURIDAE	<i>Sciurus aestuans</i>	caxinguelê	Flo	Fru	Ent/Bib

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HÁBITAT	HÁBITO ALIMENTAR	FONTE
MURIDAE	<i>Oryzomys sp.</i>	rato-do-mato	Flo	Oni	Ent/Bib
	<i>Mus musculus</i>	camundongo	Urb/Cam/Flo	Oni	obs
	<i>Rattus norvegicus</i>	ratazana	Cam/Urb	Oni	Obs
	<i>R. rattus</i>	rato-de-casa	Cam/Urb	Oni	Ent
ERETHIZONTIDAE	<i>Chaetomys subspinosus</i>	ouriço-preto	Flo	Fol/Fru	Bib
	<i>Sphiggurus insidiosus</i>	ouriço-cacheiro	Flo	Fol/Fru	Bib
AGOUTIDAE	<i>Agouti paca</i>	paca	Flo/Flo	Her	Ent/Bib
DASYPROCTYDAE	<i>Dasyprocta agouti</i>	cutia-dourada	Flo	Her	Ent/Bib
CAVIIDAE	<i>Cavia sp.</i>	preá	Cam/Flo	Her	Ent/Bib
LEPORIDAE	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	tapiti	Cam/Flo	Her	Ent/Bib
DASYPODIDAE	<i>Euphractus sexcinctus</i>	tatu-peba	Cam/Cer	Oni	Ent
	<i>Cabassous unicinctus</i>	tatu-rabo-de-couro	Flo	Ins	Ent
	<i>Dasybus novemcinctus</i>	tatu-galinha	Flo/Cer	Oni	Obs
	<i>D. septemcinctus</i>	tatuí	Flo	Oni	Ent
GLOBICEPHALIDAE	<i>Peponocephala electra</i>	baleia-cabeça-de-melão	Mar	Pis	Bib

LEGENDA

• HÁBITO ALIMENTAR

CAR: CARNÍVORO
FRU: FRUGÍVORO
GRA: GRANÍVORO
HER: HERBÍVOTO
INS: INSETÍVORO
NEC: NECTÍVORO
OFI: OFIÓFAGO

ONI: ONÍVORO
PIS: PISCÍVORO

• HÁBITAT

CAB: CABRUCOA
CAM: CAMPO
CER: CERRADO
FLO: FLORESTA
LIT: LITORAL URB: URBANO
MAR: MARINHO

RES: RESTINGA
RIO: RIO, LAGOA, MANGUE
URB: URBANO

• FONTE

BIB: BIBLIOGRAFIA
ENT: ENTREVISTAS
OBS: OBSERVADO

Classe Reptilia (Répteis)

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HABITAT
BOIDAE	<i>Boa constrictor</i>	Jibóia	FLO/ CAM/ RES
	<i>Corallus enydris</i>	Salamanta	FLO/ CAB
	<i>Epicrates cenchria</i>	Salamanta	RES/ FLO/ CAB
	<i>Eunectes murinus</i>	Sucuri	FLO/ RIO
COLUBRIDAE	<i>Chironius bicarinatus</i>	Cobra-espada	FLO/ CAB
	<i>Chironius exoletus</i>	Espia-caminho	FLO/ CAB
	<i>Chironius fuscus</i>	Desconhecido	FLO/ CAB
	<i>Clelia Clelia</i>	Muçurana Rabo-de-veludo	FLO/ CAM/ CAB
	<i>Dipsas catesbyi</i>	Desconhecido	FLO/ CAM/ CAB
	<i>Dipsas indica</i>	Pingo-de-ouro	FLO/ CAM/ CAB
	<i>Dipsas petersi</i>	Pingo-de-ouro	FLO/ CAB
	<i>Dipsas neivai</i>	Desconhecido	FLO/ CAB
	<i>Drymarchon corais</i>	Papa-pinto	FLO/ RES
	<i>Elapomorphus wuchereri</i>	Desconhecido	CAM/ FLO
	<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	Coral	CAM/ FLO
	<i>Imantodes cenchrea</i>	Desconhecido	FLO/ CAB
	<i>Leptodeira annulata</i>	Dominadeira	FLO/ CAB
	<i>Leptophis ahaetulla</i>	Cobra-cipó	FLO/CAB
	<i>Liophis cobellus</i>	Falsa-coral	URB/ CAM/ FLO
	<i>Liophis milaris</i>	Cobra-d'água	URB/ CAM/ FLO
	<i>Liophis poecilogyrus</i>	Cobra d'água	URB/ CAM/ FLO
	<i>Mastigodryas bifossatus</i>	Jaracussú	CAM/ RES/ CAB
	<i>Oxybelis aeneus</i>	Cobra-cipó	CAM/ RES/ FLO
COLUBRIDAE	<i>Oxyhopus trigeminus</i>	Falsa-coral	CAM/ FLO/ CAB
	<i>Oxyhopus petola</i>	Falsa-coral	CAM/ FLO/ CAB
	<i>Pseudoboa nigra</i>	Desconhecido	URB/ CER/ FLO

APA ITACARÉ / SERRA GRANDE

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	HABITAT
COLUBRIDAE	<i>Sibynomorphus neuwiedi</i>	Desconhecido	CAM/ FLO/ CAB
	<i>Spilotes pullatus</i>	Cainana	URB/ CAM/ FLO
	<i>Tantilla melanocephala</i>	Desconhecido	CAM/ FLO
	<i>Thamnodynastes pallidus</i>	Desconhecido	FLO/ CAB
	<i>Waglerophis merremii</i>	Boipeva	CAM/ FLO/ CAB
	<i>Xenodon rabdocephalus</i>	Jacurussú	FLO/ CAB
	<i>Xenopholis scalaris</i>	Desconhecido	FLO/ CAB
	<i>Bothriopsis belineata</i>	Surucucu-de-ouricana	FLO/CAB
ELAPIDAE	<i>Micrurus corallinus</i>	Coral	FLO/ CAB
VIPERIDAE	<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca	CAM/ FLO/ CAB
	<i>Bothrops leucurus</i>	Malha-de-sapo Patrona	CAM/ FLO/ CAB
	<i>Bothrops pirajai</i>	Jaracussu-tapete	FLO/ CAB
	<i>Bothrops pradoi</i>	Patrona	FLO/ CAB
	<i>Lachesis muta</i>	Pico-de jaca	FLO/ CAB
IGUANIDAE	<i>Iguana iguana</i>	Camaleão	CAM/ FLO
SCINCIDAE	<i>Mabuya</i> sp.	Briba/ Mabuia	FLO
TEIIDAE	<i>Ameiva ameiva</i>	Calango	CAM/ FLO
	<i>Tupinambis teguixin</i>	Teiú	CAM / FLO
TEIIDAE	<i>Cnemidophorus ocellifer</i>	Calanguinho	CAM/ FLO
TROPIDURIDAE	<i>Tropidus torquatus</i>	Calango	URB/ CAM/ FLO
ALIGATORIDAE	<i>Paleochussus</i> sp.	Jacaretinga	RIO
CHELONIDAE	<i>Eretmochelys imbricata</i>	Tartaruga -de-pente	MAR

4. MEIO FÍSICO

4.1 Geologia

Este capítulo objetiva a caracterização dos domínios litológicos regionais e dos aspectos litoestratigráficos, estruturais e econômicos de geologia local da Área de Proteção Ambiental (APA) de Itacaré/Serra Grande.

Os aspectos da Geologia Regional foram obtidos através de informações contidas em textos e mapas de projetos que envolvem a área em questão, relacionados na bibliografia.

A geologia na escala 1:25 000 visa a caracterização e definição dos domínios litológicos, estratigráficos e estruturais da área.

Os dados da Geologia Regional e local foram descritos a partir dos trabalhos de campo e da fotointerpretação nas escalas 1: 60 000 e 1: 25 000, comparados e fundamentados com informações contidas em mapas e textos das publicações relacionadas na bibliografia.

4.1.1 ASPECTOS DA GEOLOGIA REGIONAL

A coluna litoestratigráfica observada na área de entorno da APA de Itacaré/Serra Grande é composta por duas unidades distintas: a primeira composta pelas unidades Pré-Cambrianas e a segunda pelas coberturas sedimentares Fanerozóicas.

4.1.1.1 Unidade Pré-Cambriana

No contexto das Unidades Pré-Cambrianas, Arcanjo (1994) individualizou e denominou, informalmente, o **Domínio Coaraci-Itabuna** e o **Domínio Ilhéus-Olivença**, os quais congregam rochas arqueanas no **Complexo Ibicaraí-Buerarema** e o **Complexo São José** no primeiro domínio, e no **Complexo Ilhéus**, no segundo domínio.

O Complexo Ibicaraí-Buerarema está representado por um conjunto de rochas gnáissicas granulitizadas, essencialmente plutônicas e de composição tonalítica, contendo intercalações de corpos descontínuos e irregulares de metagabronoritos e metamonzodioritos. Engloba também uma faixa de rochas na fácies anfibolitos, composta por biotita-gnáisses, granitos-gnáissicos e corpos de granodioritos gnáissicos, denominada de Unidade Rio Japu.

O complexo São José é caracterizado por rochas magmáticas granulitizadas, pertencentes a uma série toleítica e outra cálcio-alcalinas, representadas por matatonalitos, metagabronoritos, metanoritos, metadioritos, metabasaltos e leptitos. Essas rochas estão estruturadas linearmente na direção NNE-SSW, através de bandas alternadas em meso e macro escalas, constituindo cristas e vales.

O complexo Ilhéus, que possui seus melhores afloramentos ao longo do litoral sul de Ilhéus, é composto por uma sequência de rochas granulíticas bandadas provavelmente vulcanogênicas, de composição dacítica a basáltica, às quais se associam ocorrências isoladas de rochas plutônicas tonalíticas granulíticas.

No âmbito do Domínio Itabuna-Coaraci, registra-se também, expressivas manifestações plutônicas alcalinas denominadas de **Suíte Intrusiva Itabuna** e alguns corpos intrusivos de gabros atribuídos ao Proterozóico Superior.

4.1.1.2 Coberturas Ferozóicas

Esta unidade ocorre com representatividade na área e é composta pelos sedimentos Terciários do Grupo Barreiras e pelos sedimentos inconsolidados Quaternários. O Grupo Barreiras engloba a quase totalidades destes sedimentos na área. Esses sedimentos Terciário-Quaternários são depósitos continentais detríticos eluvionais, predominantemente arenosos, de espessura variável, podendo apresentar-se ricos em película ferruginosa e de cor avermelhada e que segundo (BITTENCOURT, 1995), formam-se, em geral, sobre áreas aplainadas, tanto em tabuleiros como em extensos pediplanos.

• Grupo Barreiras

O Grupo Barreiras (Tb) engloba a quase totalidade dos sedimentos Terciários do Estado da Bahia. Este Grupo é composto por uma sequência de sedimentos terrígenos, de cores variegadas, variando entre argilas, areias e cascalhos, fracamente consolidados, com estratificação irregular e em geral afossilífero.

Os sedimentos Barreiras possuem uma vasta representatividade no território brasileiro, estendendo-se desde o vale amazônico, toda a região costeira Norte e Nordeste do Brasil, até o Espírito Santo. Segundo Andrade (1955) e Bigarela & Andrade (1964) citados por Bitencourt (1995) esses sedimentos são depósitos correlativos de duas fases de pediplanação que ocorreram durante o Cenozóico ao longo de toda a costa brasileira. Muitos autores, por exemplo Bitencourt (1995) relacionam essas duas fases de pediplanação com os seus sedimentos correlativos, no caso o Barreiras, com épocas glaciais, dentre as quais o nível oceânico esteve muito abaixo do nível do mar atual. Essas oscilações do nível de base deram lugar a ciclos climáticos, desenvolvendo um regolito durante a fase úmida, posteriormente removido durante a fase mais

árida. No entanto, hoje discute-se porém, a sedimentação parece não estar relacionada apenas com a variação climática, como também a um concomitante soerguimento epirogênico durante o Terciário Inferior, criando condições para a cumulação dos sedimentos erodidos.

Segundo Bigarella (1975) a primeira fase de aplainamento relacionado à sedimentação Barreiras foi possivelmente desenvolvida durante o Plioceno Inferior, denominada de Superfície Sulamericana de King (1956). Já a segunda fase teria se desenvolvido no Plioceno Superior a Pleistoceno Inferior, correspondente à Superfície Velhas de King (op. cit.).

- **Sedimentos Tércio-Quaternários (TQd):**

O termo Sedimentos Tércio-Quaternários deve-se a Inda & Barbosa (1978) que assim designaram uma delgada cobertura eluvional detrítica, predominantemente arenosa e em alguns locais lateríticos, que recobrem cerca de 30% da área do Estado da Bahia. São sedimentos inconsolidados indivisos, de cronologia incerta, reconhecidos pela sigla (TQd), atribuídos, portanto, tanto ao Terciário quanto ao Quaternário.

Esses sedimentos Tércio-Quaternários são depósitos continentais detríticos eluvionares, predominantemente arenosos, de espessura média variável, podendo atingir até 2 m, podendo apresentar-se ricos em película ferruginosa e de cor avermelhada. Segundo Bittencourt (1994), formam-se em geral, sobre áreas aplainadas, tanto em tabuleiros como em extensos pediplanos.

- **Sedimentos Quaternários:**

Os primeiros trabalhos cartográficos básicos dos depósitos Quaternários costeiros do Estado da Bahia, bem como o modelo da evolução paleogeográfica desses depósitos, deve-se a Martin et al (1980).

Em função das características morfológicas da região costeira da Bahia, Bittencourt et al (1980) dividiram a costa do Estado da Bahia em 6 setores distintos, dos quais o setor V corresponde ao trecho da costa entre Itacaré e Ilhéus. Este setor é caracterizado, segundo Martin et al (op. cit) pela presença do embasamento pré-cambriano em contato direto ou próximo do mar. Os depósitos Quaternários aí são pouco desenvolvidos, com exceção da região da Baía de Almada. Com observância no mapa elaborado pelos autores acima citados, na escala 1: 250 000, a região costeira de Itacaré apresenta depósitos quaternários marinhos representados pelos Terraços arenosos (Qt2) e pelos Pântanos e mangues atuais (QPM).

4.1.2 GEOLOGIA LOCAL

A Geologia Local da APA de Itacaré/Serra Grande é predominantemente formada por rochas pré-cambrianas que formam o substrato cristalino local, recobertas pelos sedimentos Tércio-Quaternários. A análise do mapa Geológico na escala 1:25 000, permite a individualização das seguintes unidades.

4.1.2.1 Domínio Pré-Cambriano:

- **Complexo São José:**

Este domínio é formado por rochas essencialmente magmáticas, granulitizadas, dispostas linearmente com expressivos bandamentos e abundantes corpos máficos (ASJ), contendo corpos individualizados de metadioritos, metagabros, metabasaltos e leptitos. A falta de um Levantamento Geológico Básico da área, bem como o curto tempo para a elaboração do trabalho, impossibilitaram a subdivisão do Domínio, estando o mesmo representado na área de estudo como uma corpo maior (ASJ), sem as devidas divisões em unidades menores, devido o desconhecimento da mineralogias desses corpos.

4.1.2.2 Coberturas Sedimentares Tércio-Quaternárias

Estas coberturas são bem representadas na área, recobrindo os terrenos cristalinos, ou de ocorrência nos fundos dos vales, zonas deprimidas e de influência flúvia marinha. Ocorrem ao longo de toda a região e são representadas pelas seguintes unidades:

- **Grupo Barreiras (Tb):**

O Grupo Barreiras ainda não se encontra totalmente caracterizado na área de sendo representado no Mapa Geológico do Estado da Bahia, Escala 1:1 (1994), em partes, como Coberturas Tércio-Quaternárias Detriticas (TQd) no Mapa do Quaternário Costeiro do Estado da Bahia, Escala 1: 250 000 presente trabalho este Grupo foi mapeado a partir das observações de fotointerpretação na escala 1: 25 000. Um estudo criterioso e detalha sugerido para o Grupo Barreiras aflorante na região, estando as delimitos sugeridas no Mapa Geológicos em anexo passíveis de futuras mudanças, portanto, que os contatos entre o referido Grupo e as rochas cristalinas são zonas de prováveis contatos litológicos, servindo apenas para os afloramentos deste Grupo observados em campo, podendo os afloramentos em áreas de extensão superior à apresentada no presente

a-
in-
pe,

4.1.2 GEOLOGIA LOCAL

A Geologia Local da APA de Itacaré/Serra Grande é predominantemente formada por rochas pré-cambrianas que formam o substrato cristalino local, recobertas pelos sedimentos Tércio-Quaternários. A análise do mapa Geológico na escala 1:25 000, permite a individualização das seguintes unidades.

4.1.2.1 Domínio Pré-Cambriano:

- **Complexo São José:**

Este domínio é formado por rochas essencialmente magmáticas, granulitizadas, dispostas linearmente com expressivos bandamentos e abundantes corpos máficos (ASJ), contendo corpos individualizados de metadioritos, metagabros, metabasaltos e leptitos. A falta de um Levantamento Geológico Básico da área, bem como o curto tempo para a elaboração do trabalho, impossibilitaram a subdivisão do Domínio, estando o mesmo representado na área de estudo como uma corpo maior (ASJ), sem as devidas divisões em unidades menores, devido o desconhecimento da mineralogias desses corpos.

4.1.2.2 Coberturas Sedimentares Tércio-Quaternárias

Estas coberturas são bem representadas na área, recobrimdo os terrenos cristalinos, ou de ocorrência nos fundos dos vales, zonas deprimidas e de influência flúvio-marinha. Ocorrem ao longo de toda a região e são representadas pelas seguintes unidades:

- **Grupo Barreiras (Tb):**

O Grupo Barreiras ainda não se encontra totalmente caracterizado na área de estudo, sendo representado no Mapa Geológico do Estado da Bahia, Escala 1:1000 000 (1994), em partes, como Coberturas Tércio-Quaternárias Detríticas (TQd) e ausente no Mapa do Quaternário Costeiro do Estado da Bahia, Escala 1: 250 000 (1988). No presente trabalho este Grupo foi mapeado a partir das observações de campo e da fotointerpretação na escala 1: 25 000. Um estudo criterioso e detalhado é portanto sugerido para o Grupo Barreiras aflorante na região, estando as delimitações e contatos sugeridas no Mapa Geológicos em anexo passíveis de futuras mudanças. Ressalta-se, portanto, que os contatos entre o referido Grupo e as rochas cristalinas da áreas são zonas de prováveis contatos litológicos, servindo apenas como indicação de afloramentos deste Grupo observados em campo, podendo os Sedimentos Barreiras aflorarem em áreas de extensão superior à apresentada no presente trabalho.

O Grupo Barreiras tem ocorrência representativa na região de Serra Grande/Itacaré, confundindo-se muitas vezes com os sedimentos Tércio-Quaternários (TQd) , razão pelo qual os limites e extensão dessas coberturas cartografadas neste trabalho são passíveis de futuras alterações, a partir de um estudo mais detalhado.

Os sedimentos do Grupo Barreiras ocorrem próximo ou em contato direto com a faixa litorânea. De Oeste para Leste, distribuem-se desde os topos dos relevos cristalinos até as faixa litorânea, recobrimdo as escarpas cristalinas. Nas proximidades da localidade de Pé de Serra estes sedimentos repousam em discordância sobre as rochas do embasamento cristalino em contato direto com o mar. Na parte mais continental da área este Grupo também é representativo, constituindo tabuleiros que às vezes se individualizam em morros arredondados.

- **Sedimentos Tércio-Quaternários (TQd):**

São depósitos detríticos continentais eluvionares, de cronologia incerta, dominamente arenoso, podendo apresentar grânulos e seixos de quatrtzo arredondados e fragmentos de lateritas.

Esses sedimentos são representativos na região de Itacaré, de ocorrência sobre os topos dos tabuleiros, confundindo-se muitas vezes, com os sedimentos do Grupo Barreiras.

Nas áreas proximais à cidade de Itacaré, nos topos proximais ao aeroporto, comprovou-se a existência desses sedimentos, sempre recobrimdo o embasamento cristalino. Os sedimentos (TQd) aí observados são constituídos por um material arenoso de cor branca, contendo grânulos e seixos de quatzo leitoso bem trabalhados, e às vezes incluindo fragmentos lateríticos. Essa cobertura é fina, variável entre 10 a 60 cm de espessura, recobertos por uma vegetação de gramínea bastante rala. Possivelmente esses sedimentos ocorram em faixas maiores da área . É importante, portanto, um levantamento de campo detalhado e criterioso para um mapeamento preciso dessa unidade.

- **Sedimentos Quaternários :**

Os sedimentos Quaternários mapeados na área são representados pelos depósitos Qpm e QT2, formando uma estreita faixa de terra paralela ao litoral.

- **Qpm:**

Os depósitos Qpm ocorrem nas áreas de influência dos rios e riachos e zonas de marés. São constituídos por materiais argilo-siltosos, ricos em matéria orgânica, formando manguesais e pântanos. Estes depósitos são encontrados na foz dos rios Tijuipe, Tijupinho, Itacarezinho, Burundanga e Candeiro.

- QT₂:

Os depósitos QT₂ ocorrem ao longo da linha de costa, formando verdadeiros cordões litorâneos. São representados por areias litorâneas, bem selecionadas, brancas, de granulometria média a grossa. Os cordões litorâneos são estreitos ao longo da costa de Itacaré, sendo mais representativos nas áreas adjacentes a Pé de Serra e nas proximidades da cidade de Itacaré, formando as praias daquela área.

4.1.3 ASPECTOS ESTRUTURAIS

Regionalmente, a região de Itacaré/Serra Grande é influenciada pelos mesmos sistemas de falhamentos e fraturas ocorrentes na região de Ilhéus/Itabuna. Estes sistemas têm expressiva significância na bacia do Rio Almada e se prolongam na direção de Itacaré.

Na região de Itacaré estas feições não são facilmente observadas na paisagem, por se acharem encobertas pelos sedimentos Tércio-Quaternários, ou por não constituírem formas de relevos e de modelados contrastantes.

4.1.4 ASPECTOS ECONÔMICOS

A região da APA de Itacaré/Serra Grande, segundo a Carta de Previsão de Recursos Minerais da CPRM (1984), apresenta potencialidade para a ocorrência de mineralizações de ferro e de folhelho betuminoso. Há ocorrência de Ferro associado aos terrenos pré-cambrianos e de depósitos de folhelho betuminoso (Fp) associados às planícies sedimentares.

A área apresenta ainda significativos depósitos de areia associados aos cordões litorâneos. A essas areias associam-se minerais pesados como ilmenita, zirconita e monazita.

Acumulações de sedimentos areno-siltico-argilosos de granulometria média grossa a cascalhosas são identificados nos topos da Formação Barreiras.

4.2 Geomorfologia

Este capítulo visa a caracterização geomorfológica dos aspectos regionais e locais da Área de Proteção Ambiental (APA) da Região de Itacaré/Serra Grande.

Os aspectos regionais caracterizam e definem os processos geodinâmicos ocorridos na região durante o período cenozóico, associados às ações climáticas operantes neste período.

A geomorfologia de detalhe na escala 1:25 000 baseou-se nos trabalhos de campo e fotointerpretação nas escalas 1:25 000 e 1: 60 000. Esta caracterização de detalhe objetivou a delimitação e identificação das principais unidades geomorfológicas, os tipos de modelados e a dinâmica atual do relevo.

4.2.1 ASPECTOS REGIONAIS

A evolução geomorfológica da região deve der buscada a partir dos processos geodinâmicos ocorridos no mesozóico, que condicionaram a formação do Atlântico Sul e da margem continental brasileira, e a conseqüente separação dos continentes Sul Americano e Africano. Os eventos tectônicos ocorridos na região, associados às ações climáticas, propiciaram a morfogênese do cenozóico, contribuindo para o desenvolvimento geomorfológico da região.

Em função das características morfológicas apresentada, BITTENCOURT et alli (1980) dividiram a costa do Estado da Bahia em seis setores distintos, I, II, III, IV e V e VI, sendo o setor V correspondente ao trecho da costa entre Itacaré e Ilhéus. O setor V é caracterizado pela presença do embasamento pré-cambriano, próximo ou em contato direto com o mar.

Do ponto de vista geomorfológico regional a área de estudo apresenta dois compartimentos regionais de relevo identificados como "**Depósitos Sedimentares**" e "**Planalto Pré- Litorâneo**". Os Depósitos Sedimentares incluem as chamadas regiões das **Planícies Litorâneas** e **Piemonte Inumados**. Essas regões, por sua vez, incluem, respectivamente as Unidades Geomorfológicas **Complexos Praiais, Aluviais e Estuarinas** e os **Tabuleiros Costeiros**. Já os Planaltos Pré-Litorâneos incluem a unidade dos Tabuleiros Pré-litorâneos.

Os limites litológicos entre os sedimentos do Grupo Barreiras e o embasamento cristalino são imprecisos neste trabalho, estando os mesmos sujeitos a futuras modificações a partir de um trabalho de mapeamento Geológico mais detalhado. A provável zona de contato entre as litologias aflorantes são passíveis de modificações, logo a unidade Geomorfológica dos Tabuleiros Costeiros podem também ser bem mais extensa do que a cartografada neste trabalho.

4.2.1.1 Domínio Morfoestrutural dos Depósitos Sedimentares

Este domínio é representado por sedimentos de idade Tércio-Quaternária com grau variado de espessura e consolidação e correspondem às seguintes regiões:

- **Região das Planícies Litorâneas**

Região formada por sedimentos de ambiente costeiro depositados sobre o embasamento cristalino. Apresentam modelados de origem marinha, eólica, fluvio-marinha e fluvial que traduzem as variadas etapas de evolução do litoral e dos cursos dos rios durante o período cenozóico. Esta região, por sua vez, é subdividida nas Unidades Morfológicas **Complexos praias, Aluvais e Estuarinas**, que se estendem entre o mar e o contato com as escarpas cristalinas ou afloramentos dos sedimentos Barreiras, formando praias, cordões litorâneos, pântanos e mangues.

- **Região do Piemonte Inundado**

Corresponde à região que se estende desde o sopé das elevações cristalinas a oeste até o litoral, recobertas pelos sedimentos do Grupo Barreiras, com variações altimétricas de até 120 m. esta região inclui a Unidade Geomorfológica **Tabuleiros Costeiros** que possuem superfícies tabulares delimitadas por bordas escarpadas, sustentadas pelos sedimentos Barreiras.

4.2.1.2 Domínio Morfoestrutural do Embasamento Cristalino

Este domínio é representado por rochas de idade proterozóica e corresponde à região do Planalto Pré-Litorâneo.

A região do Planalto Pré-Litorâneo corresponde à região constituída por rochas do embasamento cristalino, com variações altimétricas em torno de 120 m, formando escarpas no contato com o mar. Esta região inclui a unidade dos Tabuleiros Pré-Litorâneos que possuem superfícies tabulares que por sua vez se apresentam em formas mais individualizadas em morros arredondados entrecortados por vales encaixados.

4.2.2 GEOMORFOLOGIA LOCAL

A análise do Mapa Geomorfológico na escala 1:25 000, permite a caracterização e individualização das seguintes Unidades Geomorfológicas, descritas a seguir:

- **Complexos Praias, aluviais e Estuarinos.**

Estendem desde Serra Grande até Itacaré, sendo delimitada a Leste pelo oceano Atlântico e a Oeste pelas escarpas cristalinas e pelos Tabuleiros Costeiros. Ocorrem também na parte mais interiorana da área, recortando os sedimentos Barreiras e as rochas do embasamento cristalino, associadas aos rios Tijuipinho, Tijuipe, Itacarezinho, Burundanga, Jeribucassu e Candeiro, alcançando distância de até 7 Km do litoral.

A faixa litorânea apresenta-se estreita em toda a área, sendo esta uma das características da região de Itacaré, com dimensões inferiores a 50 m de largura, exceto na região extremo sul da área, nas proximidades de Pé de Serra, onde a faixa litorânea ultrapassa 1 km de largura. Em certos trechos, como por exemplo entre o rio Burundanga e a cidade de Itacaré e entre Serra Grande e a desembocadura do rio Tijuipinho a faixa litorânea é quase inexistente, substituída pelos afloramentos do embasamento cristalino.

As planícies marinhas são associadas a sedimentos Quaternários que englobam um intervalo de tempo entre o Pleistoceno e o Holoceno, compostos por areias de praia bem selecionadas.

As acumulações flúvio-marinhas e flúvio-lagunares localizam-se nas terras baixas da foz dos rios Tijupe/Tijuipinho, Itacarezinho, Burundanga e Jeribucassu.

• Tabuleiros Costeiros

Ocorrem de forma expressiva na área de estudo apresentando uma morfologia típica dos tabuleiros, com superfícies tabulares inclinadas em direção ao litoral, alcançando o litoral com forma suave, ou mais geralmente, de forma abrupta, sobrepondo as escarpas do embasamento cristalino. Os topos desses tabuleiros são planos, suavemente inclinados em direção ao litoral e recobertos por uma cobertura detrítica areno-argilosa, com fragmentos de carapaça laterítica retrabalhada e seixos de quartzo leitoso, ocasionalmente ferruginosos.

Os tabuleiros são sustentados pelos sedimentos do Grupo Barreiras, de composição areno-argilosa cascalhosa. Formam uma unidade relativamente elevada, com altitudes variáveis entre 10 a 90 m, tornando-se mais elevada à medida que se afastam do litoral, apresentando-se, geralmente, entrecortados em formas individualizadas menores, representadas por morros arredondados individualizados por vales abertos, geralmente em forma de 'U'.

Na área próxima a Serra Grande estes tabuleiros se aproximam bastante da faixa litorânea, repousando discordantemente sobre o embasamento cristalino.

Apresentam-se bastante dissecados, predominantemente na proximidades do litoral e dos leitos dos rios, onde as atividades erosivas são mais acentuadas, tornando-se menos dissecadas à medida que se afastam da linha da costa, em direção ao continente. O aplainamento dos topos dos tabuleiros, associado com os sedimentos correlativos, comprovam a atuação do Ciclo de desnudação Velhas de Mabeesone & Castro (op. cit.). Ainda no Ciclo Velhas, a instalação das redes de drenagens da região favoreceu o entalhamento desses tabuleiros, favorecendo a sua compartimentação em unidades menores como os morro arredondados

- **Tabuleiros Pré-litorâneos**

Ocupam uma parte bastante significativa da área, sustentados pelas rochas do embasamento. Estendem-se desde o litoral até a parte mais interiorana da área, formando superfícies tabulares inclinadas em direção ao litoral, formando superfícies escarpadas no limite da linha de praia. Ocorrem em contato direto ou próximo ao mar, sendo esta uma das características da região de Itacaré.

Ocorrem, em certos trechos, subpostos aos sedimentos Barreiras, sendo que a extensão da cobertura Barreiras na área não se encontra totalmente definida no mapeamento Geológico.

Nas proximidades da cidade de Itacaré e em certos trechos interioranos da área estes tabuleiros são parcialmente substituídos por formas mais individualizadas em formas de morros arredondados, separados por vales encaixados em forma de "V", resultante do processo de dissecação da rede de drenagem da região.

4.2.2.1 Tipos de Modelados

Na região em estudo ocorrem dois tipos de modelados:

- **Modelado de Acumulação:**

Representa sedimentos de acumulação marinha, fluvial e flúvio-marinha, encontrados ao longo da faixa litorânea e na parte mais interior das bacias hidrográficas da região, de idade predominantemente Holocênica, incluindo os pântanos e mangues.

- Fluvial

Os depósitos de acumulação fluvial são encontrados nas regiões de planícies de inundação, fundos de vales e nos terraços fluviais. São constituídos de sedimentos arenosos com intercalções de lentes de silte, argila e matéria orgânica.

- Marinha

Os depósitos de acumulação marinha consistem de estreitos cordões litorâneos compostos de sedimentos arenosos de cor branca e granulometria média. Na faixa sul da área, nas proximidades da região de Serra Grande, estes depósitos são mais representativos, alcançando um pouco mais de 1 km de largura. Também nas adjacências de Itacaré estes sedimentos são representativos, formando as praias daquela localidade, conforme.

- Flúvio-marinha

Estes depósitos refletem a ação conjunta dos canais fluviais com as oscilações marinhas. São acumulações de sedimentos argilo siltosos ricos em matéria orgânica e são encontrados nas zonas de pântanos e mangues. As principais acumulações flúvio-marinhas são identificadas nas zonas baixas que entornam a foz dos rios Tijupe, Iti-juipinho, Burundanga e Jeribucassu.

• Modelado de Dissecação

O modelado de dissecação representa o resultado da ação intempérica das águas fluviais, pluviais e marinhas sobre os sedimentos e rochas da área.

A dinâmica fluvial das bacias hidrográficas dos principais rios da região provocou o processo de entalhamento das superfícies dos tabuleiros desenvolvidos sobre os sedimentos Barreiras e rochas do embasamento cristalino. Esta dissecação do tipo homogênea originou formas variadas como as vertentes côncavo-convexa e lineares, os interflúvios tabulares, rebordos erosivos e vales encaixados.

Sobre os Tabuleiros Pré-litorâneo a dissecação homogênea também é operante, provocada pela dinâmica fluvial das bacias hidrográficas. A dissecação dos rios provocou a individualização destes tabuleiros em formas menores como os morros arredondados, separados por vales encaixados em forma de "V".

A dissecação Diferencial ocorre nos limites dos contatos litológicos e estruturais, sendo controlada por estas estruturas. Esta dissecação é desenvolvida nos contatos entre formações de diferentes graus de resistência à erosão, zonas de falhas e fraturas e nos fácies constituídos por materiais mais solúveis.

Ao longo dos paredões escarpados das rochas cristalinas aflorantes na região de Pé de Serra, a ação intempérica das águas marinhas atua de forma diferencial sobre os diferentes fácies de variada resistência à erosão mecânica e química, desenvolvendo um curioso padrão de dissolução. Este modelado não está representado no Mapa Geomorfológico em anexo, devido à imprecisão dos limites dos contatos litológicos entre os Sedimentos Barreiras e rochas cristalinas, bem como pela ausência de fatores estruturais superficialmente visíveis na área.

4.2.2.2 Avaliação da Morfodinâmica

A região apresenta uma dinâmica intensa e variada, na qual quatro classes de Vulnerabilidade podem ser caracterizadas: Áreas de Baixa Vulnerabilidade (Ab), Áreas de Moderada Vulnerabilidade (Am), Áreas de Alta Vulnerabilidade (Aa) e Áreas de Vulnerabilidade Crítica (Ac).

As áreas de Baixa Vulnerabilidade (Ab) correspondem aos restos conservados dos Tabuleiros Pré Litorâneos e Costeiros, onde o principal processo geomorfológico é o escoamento superficial difuso. Nessas áreas as formações superficiais são espessas e permeáveis, facilitando a infiltração das águas pluviais, diminuindo a ação dos processos erosivos. Quando desprovidas da cobertura vegetal passam a ser mais susceptíveis à erosão, favorecem o escoamento concentrado das águas de chuva, com o desencadeamento de processos erosivos representados por sulcos e ravinas, que podem evoluir para formas mais intensas de erosão.

As atividades antrópicas sobre estes tabuleiros são bastante expressivas, manifestadas através da retirada da cobertura vegetal para a implantação de culturas de subsistência, e sobretudo, para a comercialização da madeira, cortes de estradas e criação de pequenos núcleos habitacionais pelos pequenos lavradores locais. Estas atividades vem se intensificando cada vez mais, gerando o desequilíbrio do meio, condicionando o início e intensificação das formas de erosão. Como a pluviosidade da região é elevada, este quadro tende a se agravar, gerando problemas similares aos observados na cidade de Salvador.

As áreas de Moderada Vulnerabilidade (Am) predominam em toda a área e correspondem aos interflúvios tabulares de topos abaulados e com declividade em torno de 15° . Nessas áreas a cobertura vegetal tem papel importante nos efeitos do escoamento superficial das águas pluviais. Nos pontos onde a cobertura vegetal foi removida, há ocorrência do escoamento concentrado, tanto nos leitos como nas encostas, formando sulcos e ravinas. No entanto, em certos trechos da área, as rochas que formam os Tabuleiros pré litorâneos se encontram altamente pedogenizadas, representadas, geralmente, por solos de composição argilo-siltosa. Estes solos ricos em argilas, quando desprotegidos da cobertura vegetal, dificultam a rápida infiltração das águas pluviais, favorecendo o escoamento concentrado, como observado nos Tabuleiros Costeiros nas proximidades de Serra Grande, onde a extração da cobertura vegetal e o corte das encostas para a abertura de uma estrada provocou o escoamento concentrado das águas pluviais, favorecendo o desencadeamento de processos erosivos com formas mais avançadas como ravinas e movimento de massa.

As atividades antrópicas sobre estes tabuleiros são bastante expressivas, manifestadas através da retirada da cobertura vegetal para a implantação de culturas de subsistência, e sobretudo, para a comercialização da madeira, cortes de estradas e criação de pequenos núcleos habitacionais pelos pequenos lavradores locais. Estas atividades vem se intensificando cada vez mais, gerando o desequilíbrio do meio, condicionando o início e intensificação das formas de erosão. Como a pluviosidade da região é elevada, este quadro tende a se agravar, gerando problemas similares aos observados na cidade de Salvador.

São consideradas como áreas de Alta Vulnerabilidade (Aa) as planícies marinhas e fluviais e as áreas elevadas de vertentes com declividade elevadas, geralmente superior a 45° .

As faixas de praias que correspondem às planícies marinhas, estão constantemente expostas à ação das ondas e das marés, tendo sua topografia modificada quase que diariamente, principalmente nos locais onde são mais estreitas. A faixa de praia nas proximidades de Serra Grande mostra-se mais larga e bem mais desenvolvida que no restante de toda a área, indicando uma ação marinha mais eficiente.

Nas planícies fluviais os processos erosivos são mais moderados, já que essas áreas não sofrem diretamente os processos de abrasão marinha. Entretanto, a ação antrópica, com a retirada da cobertura vegetal, é determinante no desencadeamento de erosão, em forma de sulcos e ravinas, provocando o assoreamento dos banhados e das áreas de restingas com o material detrítico dos leques aluviais. Nas planícies fluviais, a instabilidade é provocada pelo gradiente dos vales dos rios, que se tornam meandros, formando largas várzeas que podem mudar de curso durante cada época de cheia. Nessas áreas, a ação antrópica é elevada, quantificada através da retirada da cobertura vegetal, provocando o escoamento concentrado das águas pluviais e o consequente assoreamento dos leitos dos rios.

As áreas elevadas com vertentes íngremes de declividade superior a 45° são consideradas como áreas de Alta Vulnerabilidade à erosão. Os cortes dessas encostas e a retirada da cobertura vegetal podem gerar processos erosivos intensos, como a formação de ravinas, voçorocas e movimento de massa, como observado em alguns trechos da estrada que liga Serra Grande a Itacaré e na zona urbana de Itacaré, conforme.

Áreas de manguezais são consideradas como Áreas de Vulnerabilidade Crítica (Ac), por constituírem terrenos lamosos de alta impermeabilidade, sujeitos à influência da ação fluvial e das marés.

4.3 Pedologia

A caracterização dos solos da APA de Itacaré e Serra Grande foi baseada nos trabalhos da CEPLAC (Boletins Técnicos números 14 e 129), onde foram classificados e mapeados nas escalas de 1:200.000 e 1:100.000, respectivamente, e no levantamento de campo a nível de reconhecimento em junho de 1995, onde algumas unidades previamente selecionadas foram analisadas.

Os materiais que originaram os solos encontrados na APA são, basicamente, os seguintes: a - Os sedimentos da Formação Barreiras, de idade Tércio-Quaternária, com espessura variável, capeando o material pedogenizado das rochas granulíticas, presentes no embasamento; b - As rochas ácidas (granulitos) de idade Pré-Cambriana; c

- Os sedimentos de origem marinha, que ocupam pequenas extensões; d - Os materiais aluvio-coluvionares, do período Holoceno, mais recente que os demais, que ocorrem nas baixadas dos vales e nas áreas de manguesal.

Os solos desenvolvidos sobre esses materiais, apesar de herdarem muitas características da rocha ou sedimento original, podem sofrer grandes diferenciações, onde os fatores pedogenéticos relacionados ao tipo de relevo, clima ou presença de algum impedimento a livre drenagem da água, desenvolvem solos diferenciados, como, por exemplo, os Latossolos amarelos, originários dos sedimentos da Formação Barreiras, sobre o relevo plano dos tabuleiros, e os Podzólicos, com o mesmo material de origem, porém encontrados nas encostas dos mesmos tabuleiros.

A seguir são apresentadas as classes de solos existentes na APA :

- **Latossolo Amarelo distrófico A moderado textura argilosa floresta perenifólia relevo ondulado**

São solos desenvolvidos sobre os sedimentos da Formação Barreiras, que cobrem as rochas granulíticas básicas do embasamento. Ocorrem em relevo suave ondulado a ondulado com topos planos. São muito profundos, apresentando seqüência de horizontes A, B e 2B. A diferenciação morfológica entre os horizontes é nítida e as transições graduais, linhas de pedras podem ser observadas na transição para o 2B.

Predominam no perfil cores brunadas, textura franco-argilosa com cascalho até o B e argilosa até o 2B. Pode aparecer grande quantidade de cascalho ao longo do perfil, até o 2B. O equivalente de umidade médio no horizonte A é de 14% e do B é de 23%. A porosidade total é excessiva a média e o coeficiente de aeração é bom a médio no horizonte A e fraco a mau no horizonte B.

São solos fortemente ácidos, com soma de bases, capacidade de trocas e saturação com bases bastante baixas.

- **Latossolo Vermelho Amarelo distrófico A moderado textura argilosa floresta perenifólia relevo forte ondulado e montanhoso**

São solos minerais, desenvolvidos sobre rochas do Pré-Cambriano, ocorrendo em relevo ondulado e forte ondulado, muito profundos, com seqüência de horizontes A, B e C divididos em subhorizontes, com diferenciação pouco nítida e transição difusa.

Predominam nos horizontes de subsuperfície as cores vermelho amareladas e brunadas. A textura do horizonte A argilosa e para baixo aumentam os teores de argila. No horizonte A a média do equivalente de umidade é 26% e no B é 28%, bastante próximas. A porosidade total é alta e o coeficiente de aeração é médio.

São solos fortemente ácidos, com soma de bases e capacidade de troca baixas, principalmente em profundidade. Na superfície há um ligeiro aumento, devido a matéria orgânica, onde são encontrados altos teores de carbono, que diminuem em profundidade.

- **Latossolo Vermelho Amarelo cascalhento álico A moderado textura argilosa floresta perenifólia relevo forte ondulado e montanhoso**

São solos desenvolvidos sobre granulitos de idade Pré-Cambriana, ocorrendo em relevo forte ondulado e montanhoso. São profundos, com seqüência de horizontes A, B e C e subhorizontes com pequena diferenciação.

Apresentam cores brunadas e vermelho amareladas. A textura é argilosa, com cascalho em todo o perfil, com exceção do horizonte A, que apresenta textura franco-argilosa. O equivalente de umidade médio do horizonte A é de 20% e do horizonte B é de 33%. A porosidade total é média e o coeficiente de aeração é médio no horizonte superficial e fraco nos demais.

São solos álicos (teor de alumínio maior que 50% das CTC) , com soma de bases, capacidade de troca de cátions e saturação da bases baixas, melhorando apenas no horizonte A. Os teores de carbono ao longo do perfil são médios a baixos.

- **Podzol A moderado textura arenosa floresta perenifólia relevo plano**

São solos desenvolvidos sobre depósitos arenosos relacionados às incursões marinhas ou sobre os depósitos da Formação Barreiras, que produziram um horizonte pobre em materiais finos, bastante arenoso, chamado de horizonte eluvial E, com espessuras em torno de 100 cm. Possuem seqüência de horizontes A, E e Bh_s. O horizonte B normalmente aparece como endurecido (hardpan), e em alguns locais ocorrem couças com espessura média de 3 cm. Ocorrem nos relevos planos.

São solos que possuem drenagem acentuada nos horizontes arenosos e deficiente no horizonte B. Apresentam cores escurecidas pela influencia da matéria orgânica no horizonte A, cores claras no E e avermelhadas no B.

São solos ácidos, com baixas saturação de bases e capacidade de trocas.

- **Glei Pouco Húmico distrófico textura franco-argilosa floresta perenifólia relevo plano**

São solos formados em fundos de vales ou em depressões, onde normalmente existe acumulação de água. De modo geral, constata-se nos fundos dos vales a existência de deposições colúvio-aluviais do Quaternário.

Predominam as cores acinzentadas no horizonte A, brunadas, acinzentadas ou glei-sadas no B₁ e com mosqueamento provocado pela oxi-redução no horizonte B_{2g}. Pode ocorrer horizonte 2B. A textura é franco-argilosa em todo o perfil.

São moderadamente ácidos, com soma de bases e capacidade de trocas catiônicas médias a baixas e saturação de bases alta.

- **Areias Quartzosas distróficas relevo plano**

São solos resultantes do material de origem marinha, de idade Quaternária. Ocorrem nos relevos planos, com ligeiras ondulações, na faixa litorânea ao longo da costa.

São arenosos, sem horizontes genéticos desenvolvidos, com exceção do horizonte A, por influência do aporte de matéria orgânica.

- **Solos Indiferenciados de Mangue**

São solos desenvolvidos sobre sedimentos colúvio-aluvionares, com influência constante das águas marinhas, saturados por sódio. Ocorrem nas áreas estuarinas ao longo da costa

4.4 Aspectos climáticos

4.4.1 CARACTERÍSTICAS CLIMATOLÓGICAS

A caracterização do clima da área foi baseada nos levantamentos junto a CEPLAC - Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, que possui a estação meteorológica mais próxima da área da APA localizada na Escola Média de Agropecuária Regional do município de Uruçuca - EMARC Uruçuca, que é um dos municípios englobados parcialmente pela APA, no Atlas Climatológico do Estado da Bahia (1978) e no Centro de Estatísticas e Informações - CEI (1993). Os indicadores climatológicos são constituídos por dados de precipitação, velocidade e direção dos ventos, umidade relativa do ar, temperatura, insolação e nebulosidade e evaporação.

- **Glei Pouco Húmico distrófico textura franco-argilosa floresta perenifólia relevo plano**

São solos formados em fundos de vales ou em depressões, onde normalmente existe acumulação de água. De modo geral, constata-se nos fundos dos vales a existência de deposições colúvio-aluviais do Quaternário.

Predominam as cores acinzentadas no horizonte A, brunadas, acinzentadas ou gleisadas no B₁ e com mosqueamento provocado pela oxi-redução no horizonte B₂g. Pode ocorrer horizonte 2B. A textura é franco-argilosa em todo o perfil.

São moderadamente ácidos, com soma de bases e capacidade de trocas catiônicas médias a baixas e saturação de bases alta.

- **Areias Quartzosas distróficas relevo plano**

São solos resultantes do material de origem marinha, de idade Quaternária. Ocorrem nos relevos planos, com ligeiras ondulações, na faixa litorânea ao longo da costa.

São arenosos, sem horizontes genéticos desenvolvidos, com exceção do horizonte A, por influência do aporte de matéria orgânica.

- **Solos Indiferenciados de Mangue**

São solos desenvolvidos sobre sedimentos colúvio-aluvionares, com influência constante das águas marinhas, saturados por sódio. Ocorrem nas áreas estuarinas ao longo da costa.

4.4 Aspectos climáticos

4.4.1 CARACTERÍSTICAS CLIMATOLÓGICAS

A caracterização do clima da área foi baseada nos levantamentos junto a CEPLAC - Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, que possui a estação meteorológica mais próxima da área da APA localizada na Escola Média de Agropecuária Regional do município de Uruçuca - EMARC Uruçuca, que é um dos municípios englobados parcialmente pela APA, no Atlas Climatológico do Estado da Bahia (1978) e no Centro de Estatísticas e Informações - CEI (1993). Os indicadores climatológicos são constituídos por dados de precipitação, velocidade e direção dos ventos, umidade relativa do ar, temperatura, insolação e nebulosidade e evaporação.